REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO

BRASILEIRO

Fundado no Rio de Janeiro em 1838

TOMO 94 — VOL. 148

(1923)

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint sera posteritate frui.

DIRECTOR

Dr. B. F. Ramiz Galvão

* * * RIO DE JANEIRO

IMPRENSA NACIONAL * 1927

RODOLPHO GARCIA

GLOSSARIO

DAS

PALAVRAS E PHRASES DA LINGUA TUPI, CONTIDAS
NA "HISTOIRE DE LA MISSION DES PÈRES CAPUCINS EN L'ISLE
DE MARAGNAN ET TERRES CIRCONVOISINES".
DO PADRE CLAUDE D'ABBÉVILLE

Extraído de volume digitalizado pelo IHGB.
Disponível na Biblioteca Digital Curt Nimuendajú:
http://biblio.etnolinguistica.org/garcia_1927_glossario

EXPLICAÇÃO PRÉVIA

Os vocabulos barbaros contidos nos escriptos dos antigos viajantes e chronistas alienigenas, de referencia ao Brasil, obedecem a fórmas graphicas diversas, de accordo com a organização glottica de cada escriptor. Assim, quem se propuzer á tarefa de identifica-los deve ter em conta, além dos naturaes e inevitaveis erros de imprensa ou de cópia, que muitas vezes os alteram profundamente, as peculiaridades idiomaticas de quem os traçou.

Entre Hans Staden e Anthony Knivet, um allemão, outro inglez, a differença de graphia para as mesmas palavras brasilicas é enorme; emquanto que, entre os francezes, como Thevet, Léry, Claude d'Abbeville e Yves d'Evreux, ha de notar-se relativa homogeneidade. Mesmo assim, existe discordancia de escripta em seus respectivos livros. Um exemplo, se fosse necessario para illustrar o caso, teriamos no conhecido vocabulo *ybyrapitanga*, nome tupi da *Cæsalpinia echinata*, ou páu brasil, que para Thevet é *oraboutan*, para Léry *araboutan*, para d'Abbeville *ouira-pouitan*, e para d'Evreux *ybouira-pouitan*. Observar-se-á por ahi que a differença de graphia entre os dois primeiros escriptores não é mais sensivel do que a que occorre entre as dos dois ultimos; mas considere-se que estes foram compartes na missão maranhense, sendo o livro de um complemento do livro do outro, além de que ambos tiveram uma fonte commum de informações,

provadamente em Des Vaux e em David Migan, com os quaes se acharam na sua chamada França Equinoxial. A demais, Thevet e Léry referem-se a tribus do Sul, ao passo que d'Abbeville e d'Evreux se reportam ás do Norte; em seus escriptos, portanto, é natural que prevaleçam certas influencias dialectaes, que se denunciam não só no vocabulo proposto como em muitos outros.

O thema levar-nos-ia além dos limites que se concedem a uma singela introducção; devemos, por isso, restringir essas observações á relação do Padre Claude d'Abbeville, á qual particularmente se refere o glossario a seguir.

O capuchinho francez, como os seus compatriotas que trataram do Brasil nos dois primeiros seculos da conquista, imprimiu aos vocabulos tupis que transcreveu fórma puramente franceza, ou afrancezada, algumas vezes arbitraria e caprichosa. A tarefa da restauração graphica desses vocabulos é relativamente facil, se prestarmos attenção á equivalencia dos sons entre elles e seus correspondentes no tupi dos catechistas ibericos.

Temos assim: *eu, ei, u, ouyh*, em d'Abbeville, valendo por *i* ou *y* em nosso tupi; *au, oi* ou *oy*, e *ou*, correspondendo do mesmo modo e respectivamente a *ou, oa* e *u*; os demais sons não apresentam differenças sensiveis.

Conhecendo-se a correspondencia phonetica, facil é estabelecer a equivalencia entre os respectivos themas. Assim, vemos em nosso autor: *ouã* por *guá* ou *uá*, prefixo; *oui* ou *ouy* por *gui*, prefixo; *ap* ou *aue* (*ave*) por *aba*, suffixo; *ouässou* ou *oussou*, por *açú, guaçú* ou *uçú*, suffixo augmentativo; *miry* e *y*, por *mirim, i* ou *im*, suffixo diminutivo; *été* por *eté*, suffixo de superioridade; *ran* por *rana*, suffixo de similhança; *eum* por *eyma*, suffixo de negação; *peue* (*peve*) e *pem*, por *péba* e *pema*, chato, plano; *catou* por *catú*, bom; *éen* por *eém*, doce; *rup* por *róba*, amargo, amargoso; *teuue* (*teuve*),por *tiba*, suffixo que exprime abundancia ou frequencia de alguma cousa, correspondente ao latim *etum* e ao portuguez *al*, e que apparece em muitos nomes geographicos, exprimindo o *ubi*; *endaue* (*endave*), por *endába*, logar, sitio, pouso, etc.

Os qualificativos de côr, como vêm transcriptos em nosso autor, pouca alteração apresentam; temos ahi: *piran, pouytan* ou *poytan* (este uma só vez, quiçá por erro de imprensa), por *piranga* ou *pitanga*, vermelho; *tin* por *tinga*, branco; *iou, you, ioup*, ou *iouue* (*iouve*), por *yú, jú* ou *jûba*, amarello; *aubouyh* ou *aubouih*, por *oby*, azul ou verde; *on* por *ún* ou *úna*, negro; *pinim* ou *pynim* por *pinima*, pintado, pontuado, salpicado de pontos.

O metaplasmo *mb* não existe no escripto do nosso autor: os vocabulos que o deveriam conter ora se apresentam com *b*, ora com *m*. O mesmo com relação a *nd*, que ora leva uma, ora outra letra. A articulação *b* occorre frequentemente mudada em *v* (*u*), e ás vezes em *p*; o *l* vale por *r* muito brando; o *c*, chiante, vem como *ch*; o grupo *nh* é geralmente substituido por *ĝn*; o *e* mudo final sôa como *a*; o *p* inicial, quando vem precedido de gamma nasal, muda-se em *m*; etc.

Como era vulgar na typographia antiga, a letra *u* está quasi sempre por *v* no meio das palavras, e vice-versa quando é inicial.

Vistas, summariamente, as principaes particulas que concorrem para a constituição dos vocabulos recolhidos pelo nosso autor, comparando-as com as equivalentes no tupi, tal como foi elaborado por portuguezes e espanhóes, consideremos agora os proprios vocabulos, para o que devemos destacar cada uma das classes em que se acham naturalmente divididos.

Em primeiro logar temos os nomes da Historia Natural, que se apresentam em maior numero do que os outros, não só pela quantidade de plantas e animaes que o autor enumerou e descreveu, como tambem porque todas ou quasi todas as alcunhas de indios, que consignou, são nomes dessa especie, conforme ao costume generalizado de assim se appellidarem os povos naturaes. Em geral, essa classe de nomes não offerece maior difficuldade de identificação: são quasi todos explicaveis pelos radicaes da lingua, salvo um ou outro que haja caïdo em desuso.

Quanto ás denominações de vegetaes predomina o thema *ybyrá* e suas corruptellas, significando páu, arvore, o qual toma as fórmas *ouyra* ou *ouira* e *ouã*; occorrem tambem *caá* sob as fórmas *caa* e *ca*, planta, herva, mato; *yba* por *vue*, arvore; *ybá* por *vuã*, fructo; *óba* por *öve* ou *öue*, folha.

Nos nomes de aves o thema *guirá* apparece como *ouyra; ará*, dos Psittacidas, como *ara; urú*, dos gallinaceos em geral, como *ourou*.

Nos nomes de peixes, os themas *pirá* e *acará*, ou *cará*, para designar respectivamente os individuos de pelle, ou couro, e os de escama, soffrem apenas a suppressão do signal diacritico.

Baptista Caetano de Almeida (*Apontamentos sobre o Abañeênga*, nos Ensaios de Sciencia, II, ps. 109), observa que as denominações de peixes dadas por Léry não vêm no *Tesoro* de Montoya, mas concordam com as que Piso, Gabriel Soares e outros consignaram. Note-se, como faz o sabio americanista, que no Paraguay os peixes d'agua doce que havia e ha, differem essencialmente dos peixes maritimos; d'ahi a ausencia de nomes para designar estes no vocabulario do jesuita castellano. A restricção, é bem de ver, reporta-se tão sómente a essa ordem de nomes, porque, quanto aos outros, raros serão os que o *Tesoro* deixe de mencionar, o que é demonstração evidente da communidade de idéas entre os povos da grande familia tupi do Norte e do Sul.

Ainda com relação aos nomes de animaes, occorrem em nosso autor: *arou* por *arú* ou *guarú*, sapo; *boy* por *mbói*, cobra; *berou* ou *merou* por *mberú*, mosca; *eyre* por *eira* ou *íra*, abelha; *oussa* por *uçá*, caranguejo; *ússa* por *içá*, formiga; *so* por *çoó*, animal em geral, o bicho, a caça, etc.

Os nomes geographicos abundam em nosso autor. São elles, de quantos tratou, os menos accessiveis ás tentativas de interpretação e restauração graphica. A razão disto é obvia, se attendermos a que a maior parte das aldeias e povoados que existiram ao tempo da ephemera occupação franceza do Maranhão não logrou a fixidez necessaria para que sobrevivessem suas denominações.

O jesuita João Felippe Bettendorf (*Chronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão* (Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tomo LXXII, p. I, pgs. 10-13), que não conheceu a relação de d'Abbeville senão através da reproducção que Johannes de Laet fez da descripção do Maranhão, confessa de raso não saber dar a verdadeira expressão áquelles nomes, taes como foram escriptos e ficaram impressos. Das vinte e sete aldeias da ilha, que o capuchinho mencionou, um terço, quando muito,

logrou interpretação habil por parte do jesuita, aliás emerito sabedor da lingua dos indios e na posse completa do local, onde residiu diuturnamente menos de um seculo depois.

As desinencias para os nomes dessa especie são quasi sempre *teuue* (*teuve*) por *tiba*, e *enda* ou *endaue* (*endave*) por *endába*, que já vimos acima.

Muitos são os nomes de instrumentos, utensilios e adornos que o autor registou, grande parte ainda existente, incorporada ao lexico luso-brasileiro, ou recolhida aos vocabularios tupis. São elles bastante variados, dada a complexidade dos objectos que designam; ainda assim, podem ser identificados sem maiores embaraços.

Os nomes nacionaes, aliás em numero limitado, tambem não apresentam difficuldades. Salvo alguma designação de tribu desapparecida, que não tenha, como acontece geralmente, graphia accórde nos documentos coetaneos, quasi todos são reconheciveis através da transcripção do autor. Dos nomes proprios dos individuos occupámo-nos ao tratar dos nomes de plantas e animaes, aos quaes, pelo motivo ali indicado, se devem juntar esses outros.

Por ultimo, temos os nomes de astros, que nos revelam as interessantes noções que da Astronomia tinham os nossos indios. Nenhum outro chronista antigo do Brasil se occupou desse assumpto com mais especificação e desenvolvimento. Yves d'Evreux deu um succinto capitulo sobre o Sol e os astros, mas não lhes declarou os nomes barbaros. Seu companheiro de missão versou largamente a materia e descreveu cerca de trinta estrellas e planetas, cujas denominações na lingua indigena consignou e fez acompanhar dos signaes mais caracteristicos, de modo a facilitar-nos a identificação de alguns delles.

Varios dos nomes mencionados pelo nosso autor são de importação caraïba e outras, como *aioupaue*, *canot*, *carbet*, *cassaue*, *maïs*, etc.; fá-lo-emos observar nos logares competentes.

Nem sempre nos foi possivel explicar etymologicamente algum vocabulo; nesse caso preferimos manifestar a difficuldade a aventurar hypotheses, ou a "escarafunchar etymologias", na phrase consagrada do mestre.

Por incitamento do preclaro dr. Capistrano de Abreu, o historiador e ethnographo que tanto lustre imprime ás letras patrias, foi que emprehendi e levei a cabo este despretencioso trabalho; dedicando-o, pois, ao mestre e amigo, rendo-lhe aqui as homenagens do meu reconhecimento profundo e justa admiração.

Rio, em 25 de Maio de 1919.

PRINCIPAES OBRAS CONSULTADAS

MONTOYA (ANTONIO RUIZ DE): Tesoro de la lengva Gvarani. Compvesto por el Padre... — Madrid, 1639.

MONTOYA (ANTONIO RUIZ DE): Arte, y Vocabvlario de la Lengva Gvarani. Compvesto por el Padre... — Madrid, 1640.

BAPTISTA CAETANO DE ALMEIDA NOGUEIRA: Vocabulario das palavras guaranis usadas pelo traductor da "Conquista Espiritual", in Annaes da Bibliotheca Nacional, vol. VII. — Rio de Janeiro, 1879.

MARTIUS: Glossaria Linguarum Brasiliensium. — Erlangen, 1863.

PLATZMANN: O Diccionario Anonymo da Lingua Geral do Brasil, publicado de novo com o seu reverso. — Leipzig, 1896.

GONÇALVES DIAS: Diccionario da Lingua Tupi. — Lipsia, 1859.

FERREIRA FRANÇA: Chrestomathia da Lingua Brasilica. — Leipzig, 1859.

ANCHIETA: Arte de Grammatica da lingua mais usada na Costa do Brasil. (Ed. facsimiliaria de Platzmann.) — Leipzig, 1876.

FIGUEIRA: Arte de Grammatica da Lingua Brasilica (2ª ed.) — Lisbôa, 1687.

THEODORO SAMPAIO: O tupi na Geographia Nacional (2ª ed.). — S. Paulo, 1914.

GABRIEL SOARES DE SOUSA: Tratado Descriptivo do Brasil em 1587. — Rio de Janeiro, 1851.

PISO ET MARCGRAV: Historia Naturalis Brasiliae. — Amsterdam, 1648.

I

GLOSSARIO

A

ACAIA (fl. 223) arbre... fort grand.—*Acayá* ou *Cajá*, Anacardiacea (*Spondias brasiliensis*, Mart.). — De *acá* caroço, *yá* fructo: fructo de caroço.

ACAIOU (fl. 217) fruict de l'*Acaiouyer*... arbre ordinairement plus gros & plus grand que les grãds Pommiers & Poyriers que nous ayons. — *Cajú* e *Cajueiro*, nomes do fructo e da arvore da familia das Anacardiaceas, que especificam: *eté* verdadeiro, *piranga* vermelho, *açú* grande, *i* e *mirim* pequeno, *eẽm* doce, etc. — De *acá* caroço; *y-úb* que dá, que tem, allusão á castanha; outros querem que seja *caá* folha, planta, e *jú* amarello; mas note-se que nos escriptos antigos apparece sempre *acajú* ou *acayú*.

ACAIOU-CAOUIN (fl. 218) vin de *acaiou*. — *Cajú-cauim*, com a significação do texto.

ACAIOUY (fl. 99 v.) nom d'un Indien. — *Acajuí.*— De *acajú* (Vide *acaiou*) e *i* pequeno.—O Padre Luis Figueira, na *Relação do Maranhão* (*Documentos para a Historia do Brasil*, publicados pelo Barão de Studart, vol. I, Fortaleza, 1904) refere-se a um Principal por nome *Acajuí*, que com os seus havia fugido aos portuguezes.

ACAIOUY-MIRY (fl. 99 v.) nom d'un Indien. — (Vide *Acaiouy*); *mirim* pequeno. O nome é diminutivo, exprimindo pequenino.

ACAN-ASSOYÃUE (fl. 273 v.) bonnets... avec lesquels ils se couvrent la teste ès jours de leurs solemnités.— *Acan-açoiaba*, de *acã* cabeça, *açoiaba* coberta. — Marcgrav *acanbuaçaba*. (Vide *Assoyãue*).

ACANGAOP (fl. 273 v.) bonnets... avec lesquels ils se couvrent la teste ès jours de leurs solemnités. — *Acangaóba*, de *acang* cabeça, *aób* roupa; chapéo, touca, capuz. (Vide *Acan-assoyãue*).

ACARA (fl. 247) poisson. — *Acará* ou *Cará*, peixe fluvial (*Cichlidas*), que especificam: *açú* grande, *péba* chato, *pitanga* de côr vermelha, *juba* de côr amarella, *pururú* roncador? — De *acará* escamoso, cascudo, que tal é a feição do peixe.

AGOUTI (fl. 96 v.) espece d'animal. — *Cutia*, roedor (*Dasyprocta aguti*, Linn.) — Foi Thevet, nas *Singularitez*, quem primeiro descreveu esse animal, que chamou *Agoutin*, — Talvez, conforme Baptista Caetano, de *a* gente, *cur-ti* modo de comer ou tragar, com as patas dianteiras. — Nas republicas platinas prevaleceu a fórma *Aguti* ou *Acuti*.

AGOUTYTRÉUA (fl. 219 v.) arbre. — Talvez *Aguti-ybá* arvore da *cutia*, o roedor.

AIOUÃCARA (fl. 274) collier de plumes. — Não se encontra no *Tesoro* dicção que com esta se pareça; mas a definição

do texto póde levar a *ajur*, e como *acará* tambem comporta o significado de pennacho, não será estulcio formar *ajuracará* pennacho do pescoço, collar de pennas.

AIOUPAUES (fl. 63 v.) petites cabanes. Sob esta graphia reconhece-se facilmente *ajoupa*, como occorre no lexico francez.—Rochefort (*Histoire Naturelle et Morale des Iles Antilles de l'Amérique*, Rotterdam, 1658, pag. 522), lhe attribue origem caraïba, significando "un appenty, un couvert, ou un auvent". Littré consigna *ajoupa*, sem indicar procedencia; mas cita duas passagens da novella *Paul et Virginie*, de Bernardin de Saint-Pierre, onde o termo apparece. — Paul Gaffarel (*Etymologies Américaines*, Dijon, 1899, pag. 38) aceita o étymo de Rochefort, accrescentando: "... ce fut d'abord le sobriquet sous lequel les insulaires des Antilles désignèrent les capucins..." — No tupi existe o equivalente *teyupáb*, de onde provém *tejupá* rancho, pouso, de *teyy* do povo, da gentalha, e *upáb* sitio, conforme Baptista Caetano. — No contacto das duas linguas, qual seria a primitiva possuidora do termo não é facil dizer.

AIOUROU-OUASSOU (fl. 184) Principal... c'est à dire le grand Perroquet. — *Ajurú-açú*. (Vide *Iuruue*).

AKANGÉTAR (fl. 274) fronteaux... les portent autour de la teste en forme de diademe. — *Acangatára*, de *acanga* cabeça, *tára* ornato; pennacho. — Tambem occorre *canitár*.

AKETEUUE (fl. 184 v.) village... la place des poissons. — Será *Aquetiba*, indecifravel quanto ao primeiro elemento; *tiba* póde significar o logar, sitio, o *ubi*; mas exprime commummente abundancia ou frequencia de alguma cousa que o thema designa.

AMA-VUE (fl. 220) arbre... semblable au figuer en ses fueilles & en ses fruicts. — *Ambayba, Embaúba*, ou *Imbaúba* (*Cecropia*). — De *amba* oco, *yba* ou *úba* arvore.

AMBOUA-OUASSOU (fl. 185) Principal... c'est le nom d'une espece de cenille, & longue environ d'un pied. — *Emboá*, um Myriapodo; de *a-mbo-á* ente que faz rodilha, conforme Sampaio; *guaçú* grande.

AMOCO (fl. 251 v.) espece d'animal. — *Mocó* roedor (*Kerodon rupestris*, Wied). — De *mo-coó* bicho que róe, animal roedor, conforme Sampaio.

AMONYIOU (fl. 226 v.) arbre où croist le cotton. — *Amaniyú*, nome antigo das Malvaceas do genero Gossipium, substituido pelo de Algodão. — De *amandy* rolo, pelotão, e *y-úb* que dá, que tem, conforme Baptista Caetano.

AMYIOU (fl. 224 v.) arbre... grãd comme le Pommier... son fruict est comme les plus grosses pommes... — *Abiu*, uma Sapotacea (*Lucuma caimito* [Ruiz e Pavon] Roem. e Schulth). — De *ybá* fructo, *apyu* de pelle molle; deu-se a quéda do primeiro elemento.

ANANAS (fl. 227 v.) plante... c'est un fruict tres bon et tres-excellent à manger, ie n'en ay iamais veu en France qui approche de sa bonté et beauté. — *Ananás*, uma Bromeliacea (*Ananassa sativa*, Lindl.). — Foi Léry quem primeiro o descreveu; Thevet, na *Cosmographie Universelle*, pouco se afastou de Léry; Piso e Marcgrav tambem o descreveram. — O vegetal tem larga distribuição geographica neste continente, abrangendo a America do Sul; mas sua patria de origem é incerta. — Se o nome fôr tupi, póde ser explicado por *a* fructo, *nãnã* connexo, conjunto; ou por *nãnã*, frequentativo, modificado de *nẽ*, cheira-cheira, rescendente, conforme Baptista Caetano.

ANDHEURA (fl. 240) chauve souri. — *Andirá*, nome commum aos Chiropteros do genero Phyllostoma, no tupi. — Difficil de explicar; mas o thema *andyi* significa temeroso, pavoroso, que espanta; *ra* será um suffixo para exprimir o todo, o que faz medo ou pavor?

ANGAYUAR (fl. 106) c'est à dire maigre. — *Angáiguar*, magro, desfeito, consumido. — Em guarani empregam a fórma *angáibar*.

AOUÄRA OUSSA (fl. 248) cancre. — *Grauçá*, caranguejo branco das praias. — De *quára* buraco, cóva, e *uçá* caranguejo: caranguejo de buraco ou cóva.

AOUÄY (fl. 274 v.) sorte de iartieres... faictes de fils de Cotton retors longs d'un doigt, ayant autour de certains fruicts attachez gros comme noix, lesquels ont l'escorce fort dure lors qu'ils sont secs, et estant tout vuides, ils mettent dedans des petites pierres ou des poix forts durs en sorte qu'elles font un bruit lors qu'ils dansent comme si c'estoient des sonnettes. — *Aguaí*. — Marcgrav (*Hist. Rerum Nat. Brasiliæ*, pags. 271), diz: "Ex fructus *Aguay*, qui triangularis est, corticibus, quos filo annectunt, etiam monilia faciunt, quæ cruribus infra suras circumligant, qui cortices inter saltandum sonum quendam edunt." No *Tesoro* vem *Aguai* fructa amarella, e tambem cascavel, ou guizo. — Difficil de explicar: *água* redondo, torneado, e *i*, pospositiva, em, no, na, etc., em redondo, em torneado ?

AOUÄYEUUE (fl. 188) village... c'est à dire l'arbre dans l'eauë. — *Guayba*, de *gua* enseada, *yba* arvore: arvore de enseada, e não arvore n'agua, como diz o texto. — Ignoramos a que vegetal esta dicção se reporta.

APOUYCÄUE (fl. 308 v.) petit escabeau. *Apycába* banco, assento, de *apy* sentar-se, *apycáb*, participio, logar, modo de sentar-se.

ARA (fl. 234) perroquet. — *Ará*, nome dos Psittacidas dos generos Ara e Anodorhynchus. — Foi Americo Vespucci quem, em sua primeira carta a Soderini, assignalou o nome; Léry descreveu a ave. — Alguns dão como onomatopaico, mas Baptista Caetano nota que *ára* exprime dia, luz, aurora.

ARACOUAN (fl. 236 v.) oyseau. — *Aracuan*. Cracidas (*Ortalis squamata*, Less.). — De *ará*, alteração de *guirá* passaro, e *aquá* ligeiro, rapido, veloz.

ARACOUYS (fl. 189) Indiens. — Será *Aruaquis* ou *Aroaquis*, tribu que se extendia desde o rio Uatumá até o rio Negro. No mappa do P. Fritz (1707) vem assignalado, nas proximidades da margem esquerda do Amazonas, abaixo da confluencia do rio Negro.

ARAIGNAN (fl. 242 v.) oyseau.—Talvez *Jaçanã*, Parridas (*Parra jacana*, Linn.) De *y-acà-nã* o que forte grita. Ha outras explicações.

ARAMASSA (fl. 245 v.) poisson. — *Aramaçá*, peixe do mar (*Pleuronectes aramaca*, Cuv. et Val.) — *Solha* ou *Linguado*. *do*. — Gabriel Soares traz *Uramaçá*. — Difficil de explicar.

ARAOUÄOUÄ (fl. 245 v.) poisson. — *Aragoagoay*, em Gabriel Soares; *Aragoagoa*, em Marcgrav. — Peixe do mar (*Pristis antiquorum*, Lath.) — O nome indigena desappareceu: *Peixe serra* é como se chama hoje. — Difficil de explicar.

ARARAA (fl. 255 v.) fourmi. — *Arará*, o cupim sexual (*Termita*). — De *ará-rá* nascidas do dia, ou da luz, porque emergem á luz nos dias de sol, após as chuvas.

ARARAEU (fl. 186 v.) Principal... c'est à dire la petite Crabe. — *Guarai*, de *guará* (Vide *Aouára Oussa*) e *i* pequeno.

ARARENDA (fl. 80 v.) grand village. — Laet copiou *Ira-Endaue;* mas na *Chronica* de Bettendorf, que seguiu Laet, está *Hirahendaba*, que aquelle corrigiu para *Iraendaba*. Deste modo póde-se suppôr *ira* abelha, mel, e *endába* logar, sitio, pouso: logar de abelhas.

ARASA (fl. 225) arbre... son fruict... est des plus excellents qui se puisse desirer. — *Araçá*, nome generico de diversas especies de Psidium. — De *ára-açá* estação, época, al-

lusão ao facto do apparecimento do fructo em tempo certo, conforme Baptista Caetano.

ARAROUSOUAY (fl. 182 v.) nom d'un Principal... qui signifie la queue d'un *Ara*, oyseau rouge meslé de diverses couleurs. — Será *Araçobai*, de *ára*, quod vide, e *çobai* cauda, rabo, de accordo com a definição do texto.

ARASARY (fl. 238) oyseau. — *Araçari*, nome generico dos pequenos Rhamphastidas, ou tucanos. — Dado como onomatopico.

ARASOUY-IEUUE (fl. 182 v.) village... c'est à dire le bel oyseau nommé *Arasouy*. Será *Araçaritiba*, de *araçari* (vide o que precede), e *tiba* pouso, logar, ou abundancia, frequencia; *ieuue*, no texto, está por *teuue*, como apparece em outras dicções.

ARATICOU (fl. 217 v.) arbre. — *Araticú* ou *Araticum* (*Anonacea*). Conforme Baptista Caetano, de *a-raty-cui* cuia ou vaso de bagaço, ou sabugo de fructas.

ARATOU (fl. 248) cancre. — *Aratú*, crustaceo brachyuro (*Aratus pisoni*, M. Edw.). — De *ara-tú* tomba de cima, cáe do alto, do costume desse crustaceo de trepar no tronco das arvores, á medida que sóbe a maré, e deixar-se caïr de cima, dentro d'agua, á primeira ameaça de perigo. (Cf. Theodoro Sampaio — *Denominações geographicas indigenas em torno da Bahia de Todos os Santos*, in Annaes do 5° Congresso de Geographia, vol. II, pag. 148. — Bahia, 1908). — Póde ser tambem alteração de *guaiá* caranguejo, *tu* estrepitante, alludindo ao rumor que fazem.

AROÜEUPE (fl. 187) village... c'est à dire la place de Crapeaux. *Aruupe*, de *arú* sapo, *y* agua, e *pe*, pospositiva, em, no: n'agua ou no rio dos sapos.

AROUMARA (fl. 239) oyseau. — *Arumará*, Icteridas (*Aaptus chopi*, Vieill.) — Difficil de explicar.

AROUYPÉ (fl. 188) village... c'est à dire l'estang d'eauë. — *Aruype.* (Vide *Aroüeupe*).

ASSOYÄUE (fl. 274) manteaux... tissus de divers plumages. — *Açoyába*, especie de turbante feito de pennas, usado nas solemnidades. — De *açoi* cobrir, encobrir, e *ába*, suffixo do participio, que exprime o modo de cobrir, a coberta, o manto. Em Marcgrav está *aracoya* ornatum.

ATERABÉBÉ (fl. 292 v.) sorte de guarniture faicte de plusieurs sortes de plumages entreliez et accommodez fort ioliment. *Atirabebe* e *Iatirabebe* em Marcgrav. Póde ser *atirá* topete, *bébé* que vôa, voador; *atirá*, no *Tesoro*, significa topete, propriamente cabello levantado de pessôa e aves.

ATY (fl. 241 v.) oyseau. — *Atí*, Laridas (*Larus cirrhocephalus*, Vieill.) — Occorre em Gabriel Soares *Aty*. — De *a* cabeça, *ti* branca, esbranquiçada, amarello côr de palha, como se traduz o nome especifico.

AUAPAAM (fl. 183 v.) nom d'un Principal... signifiant l'homme qui ne sçait passer. — *Abapaá*, de *abá* homem, *paá* atolado, exprimido, no meio, ou entre alguma cousa.

AUARAY (fl. 131) nom d'un Indien. — Talvez *Abaçay*, de *abá* homem, *çay* que espreita. — Era o nome de um genio malefico que perseguia os indios, enlouquecendo-os ou tornando-os possessos. Nas *Peregrinações* de Knivet está *Avasaty*.

AUATTYY (fl. 207) May. — *Abatí*, de *aba* cabello, e *ti* branco, alludindo aos filamentos esbranquiçados que envolvem a espiga, por baixo da palha, o milho (*Zea mais*, Linn.).

AUATY-ON (fl. 182 v.) nom d'un village... c'est à dire le mil noir. — *Abatí-una*, de *abatí* (Vide o precedente) e *úna* negro, de côr preta.

AUENONBOUIH ACAIOU (fl. 223 v.) arbre... haut comme le pommier. — Deve estar alterado o nome desse vegetal; talvez seja *Guanandi*, uma Guttifera (*Calophyllum brasiliense*, St.-Hil.), de *gua* por *yba* arvore, *nhandi*, azeite, oleo; *acaiou* ou *cajú* não tem aqui explicação.

B

BEROU (fl. 255) mouche. — Vide *Merou*.

BOHURE (fl. 275 v.) ornements des femmes Indiennes. — Será *mboy* ou *poy* contas, caroços, fructinhas redondas, enfiada, rosario, missanga, etc. — Reporta-se a *mbói* cobra.

BOHUREAPAR (fl. 188 v.) Principal... qui signifie la rassade crochuë. — Será *mboy* ou *poy* (Vide o que precede), e *apar* torta, torcida, vergada.

BOUCAN (fl. 294) espece de gril de bois... lequel est faict de quatre fourches, grosses comme la iambe, fichées en terre en quarré ou en long, sur lesquelles ils posent deux perches, mettant plusieurs bastons par le travers assez proches les uns des autres. — *Moquem*, de *mbocái* o que faz seccar ou assar, a grelha, como o texto descreve, onde a fogo lento assavam a carne dos inimigos, a caça ou o peixe. — Littré attribue a *boucan* procedencia caraïba, mas note-se que Rochefort consigna *youla* "gril de bois, qui d'autres Sauvages appellent *boucan*." Léry encontrou a palavra no Brasil, do mesmo modo que Hans Staden, que a transcreveu *mockaein*, mais approximado de *moquem*. A lingua franceza assimilou o vocabulo tupi em *boucan*, *boucaner*, *boucanier*, etc.

BOUCANNÉ (fl. 96 v.) c'est à dire rosti. (Vide *boucan*).

BOUCANNER (fl. 294) rostir. (Vide *boucan*).

BOUROUUICHAUE (fl. 58) ainsi appellent ils le Roy, et ses Lieutenants Generaux. — *Morubichába*. No *Tesoro* vem *Mbu-*

rubichá, que se compõe de *pó* continens, y *tubichá* grande, el que contiene en si grandeza, Principe, Señor. — Ha outras explicações.

Boy-été (fl. 253) serpent. — *Mbói-èté* cobra verdadeira, legitima.

Boyy (fl. 184 v.) Principal... c'est à dire la petite couleuvre. *Mbói-i* cobra pequena, como se traduz no texto.

C

Caagouire (fl. 186 v.) village... qui signifie l'ombre des arbres. — *Caáguira*, de *caá* matto, *guir* parte inferior: a espessura, o debaixo das arvores, a sombra das arvores, como o texto explica.

Camboury Ouassou (fl. 244 v.) poisson. — *Camurí* ou *Camurim*, peixe do mar (*Oxylabrax undecimalis*, Bl.) — E' desconhecido com o qualificativo *guaçú*. No Rio de Janeiro ao *Camurim* chamam *Robállo*.

Camouroupouy (fl. 244) poisson. — *Camurupí* ou *Camurupim*, peixe do mar (*Megalops thrissoides*, Bl. et Sch.) — E' o *Pirapema* do litoral paraense; Abbeville dá os dois nomes para o mesmo peixe. — Difficil de explicar.

Camousi (fl. 56) riviere. — *Camocim*, no Ceará. — De *cambúchi* vaso d'agua, póte, cantaro, tina.

Cangheuré (fl. 256) gros fourmi noir. — *Tucanguira* ou *Tocandira*. (*Dinoponera grandis*, Guérin). Sampaio explica por contracção de *tucaba-nguir*, exprimindo a acção de ferir por baixo, isto é, o que fere com a parte inferior, allusão ao ferrão. — Segundo Martius, *Glossaria*, "hoc insecto utuntur Indi Maulié ut juvenes eius morsu cruciatos fortitudinem doceant."

Canidé (fl. 234) Perroquet.— *Canindé*, Psittacidas (*Ara ararauna*, Linn.). — Segundo Baptista Caetano, talvez contracção de *arára-caninde* arara muito retinta. Note-se que esse clymo melhor convirá ao *Anodorhynchus hyacinthinus*, Lath., de um azul uniforme tão carregado que poderia parecer retinto ou negro aos primitivos denominadores, ao passo que o *Ara ararauna*, Linn., é de côr azul por cima e amarella por baixo. Note-se ainda que o nome indigena daquelle é *Arára-úna* ou Arára negra.

Canot (fl. 180) petit batteau. — *Canôa*. No texto não se define. Foi dos primeiros termos americanos que se infiltrou no lexico dos conquistadores. Colombo, na relação de sua primeira viagem (Navarrete, *Coleccion*, I, pag. 225) e Vespucci, na carta a Soderini (*Vespucci Reprints*, II, pag. 10), bem como os demais historiadores do descobrimento, occuparam-se desse rudimentar processo de navegação dos habitantes das terras novamente achadas.— Littré attribúe ao vocabulo origem germanica, por inadvertencia, porquanto é incontestavel que provenha da lingua do Haiti, como quer Oviedo, *Hist. General y Natural de las Indias* (Madrid, 1851), I, pag. 170.

Canoua-Miry (fl. 185) nom d'un Principal... c'est à dire la petite teinture. — *Canduá-mirim*. (Vide *Canoua-ouassou*).

Canoua-ouassou (fl. 184 v.) nom d'un Principal... qui signifie la teinture. — *Canduá-guaçú*, de *canduá*, que se compõe de *caá* mato, e *uâ* caule, talo, grelo, e significa limo colorido das arvores; *guaçú* grande.

Caouare (fl. 188) nom d'un Principal... qui signifie le buveur de vin. — *Caû-uára*, de *caú*, por *cauim* vinho, *uára* ou *guára* bebedor, como no texto.

Caouin (fl. 261) vin ou festin. — *Cauim*, de *acayú* (Vide *Acaiou*) e *y* liquido, bebida, vinho. *Cauim* era uma sorda fermentada de cajú, que bebiam por occasião das festas;

por extensão passou posteriormente a designar a bebida fermentada de milho mastigado. — O vocabulo, significando ora vinho, ora o festim, tem larga distribuição na America do Sul; mas é incontestavelmente de origem tupi.

CAOUIN AGOUÉ (fl. 186 v.) nom d'un Principal... c'est à dire la moitié du vin. — *Cauim* (Vide *caouin*) e *aguê* metade.

CAOUINNÉ (fl. 268) — Vide *caouin*.

CAOUP (fl. 220) arbre. — *Caúba?* — Difficil de identificar: não se trata de certa Leguminosa desse nome, pertencente ao genero Bauhinia, que vegéta no Sul.

CAPYYUARE (fl. 248 v.) espece d'animaux... assez semblables aux Loups Marins ayant la queuë fort petite, lesquels ne se trouve aussi qu'és fleuves et rivieres. — *Capivára*, roedor (*Hydrochoerus capybara*, Erxl.) — De *capyí* capim, herva, *guára*, participio do verbo *ú* comer: o que come capim, o herbivoro.

CARA (fl. 229 v.) racine. — *Cará*, nome commum a diversas especies de Dioscoreas. Segundo Marcgrav, o nome que lhe davam os portuguezes era *Inhame de S. Thomé*; seria essa talvez a especie hoje conhecida em Pernambuco por *Inhame da Costa*. — De *acará* cascudo, escamoso, com perda do *a* inicial, nome que tambem se applica a peixes d'agua doce (*Cichlidas*).

CARACOU (fl. 230) boisson. — *Caracú*, que vem no *Tesoro* com a significação de vinho de raizes, como de batatas e mandioca. — Difficil de explicar.

CARAMEMO (fl. 283) pannier... faict de fueilles des Palmes. — *Caramingná*. — Léry e Y. d'Evreux grapharam o vocabulo como C. d'Abbeville; Marcgrav traz *caramemoa*, e no *Tesoro* vem *caramenguá*, que Baptista Caetano explica por *carame* em redondo, e *guá* sejo. — *Caramingná* ainda chamam os sertanejos nortistas ao sacco ou alforge da

matalotagem, e os rio-grandenses do Sul, por natural extensão do termo, que pluralizam, aos cacaréos, badulaques, cousas de pouco valor, que cada um traz comsigo em viagem.

Caramourou (fl. 246) poisson... assez semblable à l'Anguille. —*Caramurú*, a moréa, peixe do mar da familia Muraenidas. Foi o appellido de Diogo Alvares Corrêa entre os Tupinambás da Bahia; seu neto Belchior Dias Moreya, o famoso descobridor das minas de Itabayana, trasladou para o portuguez a alcunha avoenga. — A phantasia dos primeiros chronistas traduziu o nome como *dragão saïdo do mar*, ou *homem de fogo*, com fundamento em lendario episodio a que se attribue o salvamento de Diogo Alvares das mãos dos selvagens, quando por naufragio deu ás costas da Bahia: mas, por esse facto mesmo, póde-se suppôr *caray*, o branco, o europeu, e *muru* molhado, o naufrago, como alvitra Sampaio.

Carana-vue (fl. 221 v.) palmier. *Carnahúba*, *Carnahyba* ou *Carandá*, nomes regionaes da mesma especie (*Copernicia cerifera*, Mart.) — Conforme Baptista Caetano, de *carâ*, que póde significar casca ou escamas, que lhe cobrem o tronco, ou circular, das folhas em leque; mas parece preferivel de *carã*, que tambem significa bica, calha, cano, pelo prestimo que lhe davam; *yba* ou *úba* arvore. — E' tambem o nome de uma aldeia (fl. 184 v.) e de uma estrella (fl. 319 v.).

Caraouäta-ouäre (fl. 184 v.) Principal... le mangeur de *Caraouäta*. Será *Carauatá-guára* comedor de *carauatá*, como o texto interpreta. — O francez que accusou Hans Staden de ser portuguez e inimigo, chamava-se entre os indios de São Vicente *Karwattuware*, conforme a graphia do narrador. (Vide *Karouäta*).

Carayue (fl. 324) prophete. — *Caraïba*. — Esse vocabulo largamente espalhado no continente é um dos problemas

sem solução na linguistica americana. Seu radical encontra-se em quasi todas as linguas da America do Sul; sua significação mais geral é de astuto, habil, sabio, entendido, superior, santo, etc. No tupi significa tambem o branco, o que é baptisado, o europeu, ou o civilizado, instruido, accepção que no neengatú ainda comporta o vocabulo *carina*.

CARBET (fl. 57 v. *et passim*). O autor não define este termo, mas de suas palavras infere-se que seria o logar das reuniões publicas, o "parlamento" dos indios. O vocabulo occorre nas relações de todos os viajantes americanos. Rochefort dá como termo caraïba, significando casa publica. Littré regista-o, sem indicar procedencia, como casa grande dos selvagens das Antilhas. Será mesmo importação caraïba, mas considerado o largo uso que dessa palavra fizeram Léry, Hans Staden e outros, tratando dos Tupinambás, não é descabida a hypothese de procedencia tupi por *ocára* = *oecár*, participio de *og*: o que cobre ou tapa, a cerca, o cercado, o pateo, e *pe*, locativa, mudada em *be* por serem articulações labiaes succedaneas, exprimindo o todo — na cerca, no pateo, onde de facto se realizavam as reuniões, o *carbet*. — Essa hypothese suggere-me o mestre Dr. Capistrano de Abreu, com fundamento nos *Dialogos das Grandezas do Brasil*, dial. v, onde occorre a palavra *carpe*, como casa redonda levantada no meio das aldeias, aonde os indios se reuniam quando tinham de determinar qualquer guerra.

CARNAÚPIO (fl. 117) village. (Vide *Carnaüpiop*).

CARNAÜPIOP (fl. 182 v.) village... qui signifie un arbre nommé *Carnaü* avec les feuilles seiches. Bettendorf escreveu *Carnapió*. — Talvez *Carnaupió*, de *carnahúba* (Vide *Carana-rue*) e *pióg* raiz: raiz da *Carnahúba*, e não as folhas seccas, como está no texto. — Com o nome de *Cajapió* existe ainda uma villa no Maranhão.

CAROUÄTAPIRAN (fl. 158 v.) nom d'un Indien. — *Carauatá-piranga*, caraguatá vermelho. (Vide *Karouäta*).

CASSAUE (fl. 305) espece de tourteaux. — *Cassave*, que Oviedo (*Hist. General y Natural de las Indias*) descreve como "unas tortas grandes que hacen de Yuca", accrescentando que "este es el pan ordinario desta (isla Española) é otras muchas islas, asi de las que estan por conquistar, como en las que estan pobladas de christianos". — E' voz das Antilhas, conhecida desde os primeiros tempos do descobrimento. Americo Vespucci, em sua primeira carta a Soderini, já trata do *Cazabi*. Piso escreveu *Cassavi*.

CAY (fl. 252 v.) espece de monne. — *Caí*, nome generico dos pequenos Cebidas, que especificam: *açú* grande, *mirim* pequeno, *úna* negro; (fl. 318 v.) constellation de plusieurs Estoilles disposées au Ciel en façon d'une Monne ou d'un Guenon. — De *caí* envergonhado ou vergonhoso, acanhado, medroso.

CAYÄEUUE (fl. 188) Principal... qui est le fruict d'un arbre ainsi nommé. — *Cajayba*, *Cajazeira*, Anacardiacea (*Spondias brasiliensis*, Mart.) — De *acayá* (Vide *Acaia*), e *yba* arvore.

CAYETÉ (fl. 188 v.) nom de lieu; (fl. 259 v.) qui veut dire la grande forest. — *Caeté*, o mato virgem, silva primigenia. — De *cãá* mato, *eté* verdadeiro, legitimo: o mato por excellencia. — E' o territorio onde está situada a cidade de Bragança.

CAYMAN (fl. 305) farine... ils prennent les racines toutes entieres & les font tremper deux ou trois jours dedans l'eau, puis les ayant faict seicher ou soleil deviennent toutes blanches et fort tendres. — *Carimã*, massa da mandioca, fubá. — Hans Staden escreveu *Keinrima;* Nieuhoff *Kaarima*; Y. d'Evreux *Cariman*. — Difficil de explicar plausivelmente.

CAY-OUÄSSOU (fl. 186 v.) Principal... qui signifie la grande Monne. (Vide *Cay*).

CAYOUÉEN (fl. 224) arbre. — *Cajú-eêm.* (Vide *Acaiou*).

CHOUÄ (fl. 233) oyseau de proye. — Será *Cauã* ou *Acauã*. Falconidas. (*Herpetotheres cachinnans*, Linn.) — Segundo Baptista Caetano, de *acá* decidido, resoluto, e um suffixo, dizendo "briguento".

COENDOU (fl. 249 v.) Porc-Espi... comme nos Sangliers & ont leurs Espi & aiguillons longs pour le moins d'un pied, les uns plus grand, les autres plus petits, marquetez de blanc et de noir, estans gros à proportion et merveilleusement pointus. — *Cuandú*, o roedor (*Cercolabes prehensibis*, Linn.) — Difficil de explicar; conforme Baptista Caetano, póde reportar-se a *guandú*, sendo *guá* reciproco de *hã* pello, e *tu*, quer radical de *mbotu*, quer alterado de *ti* branco.

COMAROU-MIRY (fl. 226) arbre. — *Cumarú-mirim.* (Vide *Comarou Ouässou*).

COMAROU-OUÄSSOU (fl. 226) arbre. — Será *Cumarú-açú*; mas note-se que na nomenclatura botanica vulgar actual o designativo *açú*, bem como *mirim*, não se conhece. *Cumarú* é uma Leguminosa Dalbergia (*Dipteryx odorata*, [Aubl.] Willd.) em cujo nome talvez entre o thema *cumá* fructo de vagem; o elemento *rú* é difficil de explicar plausivelmente.

COMMA (fl. 157 v.) nom de lieu; (fl. 187 v.) signifiant la place pour pescher le poisson. — *Cumá*, talvez alterado de *cumã* fuligem. — Da explicação do texto duvidou com razão Ferdinand Denis (*Notes critiques et historiques sur le voyage du P. Yves d'Evreux.*) — *Cumã* é o nome de uma Apocynea e outras plantas lactecentes.

COMMANDA (fl. 229) sont febues... *Cumandá*, de *cumã* fructo **de vagem, *etá* muito. — Especifica-se: *açú* grande, *mirim*** pequeno. — Uma especie de feijão.

CONOMY MANYPOÉRE OUÄRÉ (fl. 318 v.) Estoille ronde fort grosse et tres-luysante... c'est à dire le petit garçon qui mange du potage de Manipoy. — *Curumîm-manipuera-guára* menino manipuêra que come, ou menino que come manipuêra, que é accórde com a definição do texto.

CONRONRON-OUÄSSOU (fl. 185 v.) Principal... c'est à dire le grand ronfleur. — *Conronron* é nome onomatopaico, como se deduz do texto; *guaçú* grande.

COPOUIH AIOUP (fl. 222 v.) arbre. — *Cupiúba*. Anacardiacea (*Spondias* spec.). Difficil de explicar.

COPOUIH OUÄSSOU (fl. 222 v.) arbre. Será *Cupuçú*, Sterculaçea. (*Theobroma grandiflorum*, Schum.) — O radical *cupu* ou *cupi* não tem plausivel explicação.

CORAS OUÄSSOU (fl. 184) Principal... c'est à dire le grand *Cola*. — Parece ser *corá* ou *colá*, corruptella do portuguez curral, e *guaçú* grande.

COTIOÛA (fl. 78) petite montagne... au haut de laquelle il y avoit sept ou huict villages d'Indiens. — Quiça *Cotiba*, de *cé* roça, e *tiba lugar*, pouso, ou exprimindo abundancia frequencia.

COUÄTY (fl. 251) espece d'animal. — *Quati*, carniceiro (*Nasua narica*, Linn.) — De *áqua* ponta, *tí* nariz: nariz de ponta **ou nariz pontudo.**

COUÄUE EUM (fl. 290) c'est à dire poltron et lasche de courage. — *Coúbeyma*, de *coáub*, saber, entender, conhecer, e *cyma*, posposição negativa: sem saber, sem entender, o imbecil, o tolo, e não o falto de coragem, o poltrão, conforme a interpretação do texto.

COUGNAN OUÄSSOU TEIGNE (fl. 365) nom d'une Indienne... c'est à dire la grande femme pour rien. — *Cunhã-guaçú-tenhé* mulher grande debalde, em vão, ou para nada, como diz o texto.

COUIOU-COUIOUP (fl. 235 v.) perroquet. — *Cuiú-cuiú*, Psittacidas (*Pionopsitta pileata*, Scop.) — Deve ser onomatopaico. — E' o *Tui-maitáca* do Sul, tambem chamado *Maitáca da cabeça vermelha*.

COUREMAN OUÄSSOU (fl. 244 v.) poisson... qui est tout semblable au Mûlet.—*Curemã-açú*.—*Curemã* é um dos nomes da Tainha (*Mugil curema*, Cuv. et Val.). — De *quiri* tenro, *bac*, suffixo, exprimindo o que é tenro, ou delicado, de referencia á carne do peixe.

COURIMATA (fl. 246 v.) poisson. *Corumbatá* ou *Curumatá*, peixe d'agua doce, do genero Prochilodus. — De *quirimbatá*, significando talvez muito tenro, ou muito vermemelho, como convém ao peixe salmão.

COUROUROU (fl. 253 v.) crapeau.—*Cururú*, o batracio, nome por que se conhecem duas especies: *Ceratophrys dorsatus*, Neuw. (Brasil Oriental), e *Pipa cururu*, Spix (Amazonas). — Alguns dão como onomatopaico; Baptista Caetano traz *curú-rúb* que tem ou faz sarna, pela crença de que o simples passar do sapo pelo corpo, e até só pela roupa, produz erupção cutanea.

COUY (fl. 272) espece de vaisseau faict de la moitié d'un fruict. — *Cuia*, vasilha feita da metade do fructo da *Crescentia cujete*, Linn. — O elymo desta palavra é duvidoso: segundo Baptista Caetano (*Notas aos Indios do Brasil*, de Fernão Cardim), tanto póde reportar-se ao verbo *cur* tragar, como a *u* comer, exprimindo em geral vaso da comida.

COUY-IEUP (fl. 188) village... qui signifie la courge accommodée. — *Cuiayba* (Vide *Coyieup*).

COYIEUP (fl. 137) nom de lieu; (fl. 184) c'est à dire une courge qui sert de vaisselle. — Laet reproduziu *Coyeup*, mas na *Chronica* de Bettendorf, que copiou aquelle autor, está *Coynep*, corregida para *Coynpé*. — Em Gabriel Soares vem *Cuiéyba*, que é *Cuiayba*, arvore de cuia, ou *Cuieira* (*Crescentia cujete*, Linn.).

CRUSSA (fl. 318) constellation de quatre Estoilles fort luisants... c'est à dire Croix. — *Curuçá*, no tupi; *Curuzú*, no guarani; alteração do vocabulo portuguez e espanhol *cruz*. — E' a constellação do Cruzeiro do Sul, que se designava com o nome de *Cruz*, antigamente.

E

ECOÄIN (fl. 291) sauve toy.—*Canhéme* está nos diccionarios tupis com o significado de fugir, desapparecer; o imperativo *e-canhém* foge tu !

EIÉPOUICH (fl. 291 v.) venge ta mort, ou selon la vraye signification du mot prens le pource. — O verbo *jepyca* vingar; *e-jepyca*, imperativo, vinga tu !

E IOUCA (fl. 172 v.) qu'on la tue. — O verbo *jucá* matar; *e-jucá*, imperativo, mata tu !

EUÄ (fl. 283) courges... dont ils se servent pour aller à l'eau. — *Yá*. — No *Tesoro*, alem de outras accepções, tem a de cabaça, vasilha, o que nos reporta a *y* agua, *á* recebe, conforme com o destino que lhe attribúe o texto.

EUÄPAR (fl. 153) village... c'est à dire l'eauë crochuë (fl. 183). — Deve ser *Yapár*. Bettendorf leu em Laet *Huapar*; mas na edição franceza daquelle autor está *Euapar*. — De *y* agua, rio, e *apár* torto.

EUÄYUE (fl. 153) village... c'est à dire la vieille eauë ou l'eau trouble (fl. 182 v.) — Laet escreveu *Huayne*, como leu Bettendorf; na edição franceza daquelle autor está

Euayne. — E' bôa a etymologia do texto, de *y* agua, *áu* suja, turva.

EUCATOU (fl. 184 v.) village... c'est à dire la bonne eauë. — *Icatú.* — Bettendorf leu em Laet *Uaucatan*; *Eucaton* está na edição franceza. — A etymologia do texto é correcta: *Icatú*, um dos poucos toponymos remanescentes na Geographia maranhense, deriva seu nome de *y* agua, *catú* bôa.

EUGARE LÉ QUYTAUE (fl. 187) village... c'est à dire le lieu, où on tire les *canots*. — Deve haver erro de escripta. Conforme ao texto, seria *Ygára-upába*, de *ygára* canôa, e *upába* pouso, estancia; o porto.

EURUUAIA (fl. 234 v.) perroquet. No *Tesoro* occorre *Iribayá*, papagaio pequeno, que não lográmos identificar nem explicar. — Tambem se escreve *Aribayá*.

EUSSAOUAP (fl. 137) nom de lieu; (fl. 184) c'est à dire le lieu où on mange les Crabes. — Bettendorf leu em Laet *Onça ou Cap*, que suppoz ser *Onçaquaba* ou *Oçaguapé;* mas, tanto na edição franceza, como na latina daquelle autor, o que se lê é *Eussa-ouap*. Na *Historia da Companhia de Jesus na extincta Provincia do Maranhão e Pará*, do Padre José de Moraes, está *Uçágoába*, que com melhor orthophia é *Uçaguába*, composto de *uçá*, nome generico do caranguejo, e *guába*, participio de *ú* comer: o em que, ou onde se come caranguejos, conforme com a definição do texto. — A aldeia de *Uçaguába* é a actual Vinhaes.

EUUAC (fl. 316 v.) le Ciel. — *Ybac*, de *yb* alto ou para cima, *bag* ou *bac* virado.

EUUAIOUÄNTIN **(fl. 185) Principal... qui signifie un fruict** picquant. — A primeira parte do vocabulo, *Euuai*, póde ser *ybái*, de *ybá* fructo, *ái* azedo, acre, picante, como no texto se traduz; a segunda, porém, é indecifravel, se bem que em outras dicções *äntin* esteja por *ti* ou *tinga* branco.

EUUAUIRAP (fl. 220) arbre. — *Guabirába*, Myrtacea (*Abbevillea maschalantha*, Berg.). — De *ybá* fructo, *pi-ráb* pelle fere: fructo caustico, ou cuja pelle fere.

EUUE (fl. 182) arbre... avec laquelle (racine) ils enyvrent les poissons. — *Imbé*, Aroidea in margine rivorum, Philodendron et aliae, segundo Martius (*Glossaria*).

EYRE (fl. 255) miel dans les creux des arbres. — *Eira*, ou *ira*, que tambem significa abelha. — De *é-ir* doce sáe, ou doce desfaz-se, conforme Baptista Caetano. No tupi é mais vulgar a fórma *ira*.

EYRE APOUA (fl. 319) grande Estoille fort brilhante... c'est à dire le miel rond. — *Eirapuam*, *irapuam*, *irapuá* ou *arapuá*, são nomes tupis para uma mesma abelha que nidifica ao alto das arvores, em fórma de uma bóla de meio metro de diametro, mais ou menos, e que pertence á familia das Meliponidas (*Trigona ruficrus*, Latr.) — De *eira* ou *ira* mel, *apuam* redondo, o que é conforme com o texto.

EYRE-OUUE (fl. 255) abeille. Será *ira-úba* pae das abelhas, ou pae do mel, a abelha mestra.

F

FERNAMBOURG (fl. 76 v., *et passim*) nom de lieu. — *Pernambuco*. — A graphia do autor, como a de seu confrade d'Evreux, induz a hypothese de que o vocabulo se derive de *Fernam* (Fernando) e *bourg* cidade, castello, povoação; entretanto, a palavra é genuinamente tupi e desde cêdo apparece mais ou menos alterada nas cartas geographicas e nas relações dos viajantes. Seu étymo é por demais conhecido: *pará-ná* similhante ao mar, e *puca*, gerundio supino do verbo *pug* rebentar, arrombar, furar, etc., exprimindo o todo o rombo ou furo do lagamar, em allusão ao estuario formado pela confluencia dos rios Capibaribe

e Beberibe, que na cidade do Recife se lançam ao mar. — O nome designa ainda similhantes accidentes topographicos no percurso da costa do Norte, que é ladeado dos recifes naturaes, onde ha passagens de aguas.

G

GNAAN (fl. 276) ornements des petits enfants indiens. — Será *nhaã*, que não vem no *Tesoro* nem alhures. — Quiçá voz infantil, onomatopaica.

GNAËIOUUE (fl. 283 v.) chaudron. — Será *nhaénjuba*, que não se encontra nos diccionarios.

GNAËPEPO (fl. 283 v.) marmite. — *Nhaémpepô* está nos diccionarios com a significação de panella, melhor vaso de ferver.

GNAÈPOUËON (fl. 319 v.) constellation en forme d'une poelle ronde. — *Nhaém* alguidar, *apuam* redondo.

GNAËSSIN (fl. 283 v.) marmite. — *Nhaém* tem o significado de continente, vaso, panella, alguidar. — No *Diccionario Tupi*, de Gonçalves Dias, vem *nhaéni* por *nhaém*, como está nos outros. Quiçá erro de imprensa.

GOYAUE (fl. 220) espece d'arbriseau. — *Goyába* ou *Guayába*, Myrtacea (*Psidium guayava*, Raddi). E' duvidosa a procedencia tupi deste nome, que occorre similhantemente nas Antilhas e no Perú. A patria de origem do vegetal é ainda questão aberta na Geographia botanica. Segundo De Candolle, seria elle indigena no Mexico, na Colombia e no Perú, mas teria sido trazido para o Brasil antes da época do descobrimento. Se fôr tupi, póde ser aceito o etymo que offerece Baptista Caetano, de *guaya* ou *guayab* agglomerado de fructos ou sementes.

GYROMON (fl. 52 v.) fruict excellen. — *Gerimú*, Cucurbitacea (*Cucurbita maxima*, Duch.) — De *ya* cabaço, *yurú* bocca,

gargalo, *mi* estreita: cabaço de bocca ou gargalo estreito. Para a lingua franceza o vocabulo passou sob a fórma *giraumon* ou *giraumont*, que Littré consigna, desconhecendo a origem.

I

Iacopem (fl. 105 v.) nom d'un Indien. — *Jacupema*. (Vide *Iacoupem*).

Iacou (fl. 236 v.) oyseau... qui est un vray Faisan. — *Jacú*, nome generico das Penelopidas. — De *y* (demonstrativo: o que, aquelle que) *a* fructo, grão, *cu* comer, tragar, engulir: o que come grãos.

Iacou Ouboüyh (fl. 236 v.) oyseau... ayant le plumage de la teste tout bleu, les pieds rouges et toutes les plumes tant du corps que des aisles d'un beau noir tres luisant. — *Jacú-oby*, o *Jacú* azul.—Talvez se refira ao *Cujubi*, Cracidas (*Cumana cujubi*, Pelz.).

Iacouparin (fl. 185) Principal... c'est à dire le Faisan crochu. — *Jacú-parí*, de *jacú* (Vide *Iacou*), e *parí* coxo, torto.

Iacoupary (fl. 173 v.) nom d'un Indien. — Talvez *Bacuparí*. Em Marcgrav vem *Ibacuruparí* (*Platonia insignis*, Mart., ou *Moronobea osculenta*, Arruda Camara). — De *ybácurú-parí* fructo revestido de pontas, ou cheio de asperesas, segundo Sampaio.

Iacoupem (fl. 183 v.) c'est à dire un Faisan. — *Jacupema*, Penelopidas (*Penelope superciliaris*, Temm.). — De *jacú* (Vide *Iacou*), e *péma* chato.

Ianouäcouäre (fl. 188) village... c'est à dire le trou du chien. — *Jaguaraquára*, de *jaguár* (Vide *Ianouäre*) e *quára* buraco, como se traduz no texto.

Ianouäre (fl. 251 v.) espece d'Once; (fl. 252 v.) Chien. — *Jaguár*, nome generico dos Felidas americanos, o *Felis onca*,

Linn., applicado tambem ao cão após a conquista, porque o cão é especie extranha á Fauna do Novo-Mundo. — Segundo Buffon, o nome na lingua brasilica seria *janouara*; mas esta graphia é puramente franceza, só usada por escriptores dessa lingua. — Gabriel Soares traz *jaguareté* e *jaguaruçú*; Piso e Marcgrav descrevem o *jaguara*. — De *y* (demonstrativo: o que, aquelle que), *a* gente, *guára*, participio de *ú* comer: o que gente come. No quéchua yaguar significa sangue.

IANOUÄRE AUAETÉ (fl. 158) nom d'un Principal; (fl. 184 v.) qui signifie l'Once sauvage ou le grand chien. — *Jaguár-abá-eté*. De *jaguár* (Vide *Ianouäre*), *abá-eté* homem verdadeiro: homem verdadeira onça ?

IANOUÄREM (fl. 96) village; (fl. 183 v.) c'est à dire le chien puant. — *Jaguarema*. De *jaguár* (Vide *Ianouäre*) e *rema* fetido, mal cheiroso, como se traduz no texto.

IANOUÄRESIC (fl. 158 v.) nom d'un Indien. — *Jaguaracica*. De *Jaguár* (Vide *Ianouäre*) e *cica* liso ou limpo.

IAOUÄNTIN (fl. 185) nom d'un Principal... c'est à dire le chien blanc. — *Jaguaratinga*. De *Jaguár* (Vide *Ianouäre*) e *tinga* branco.

IAOUÄRE (fl. 317) Estoille... c'est à dire Chien. — *Jaguár* (Vide *Ianouäre*). — E' a estrella da tarde, ou Vesper, a que o povo chama *Papa-ceia*. — No *Tesoro*, *yagua-bebé* cão voador, significa comêta, que não é propriamente o corpo celeste a que allude o texto.

IAPOUÄY (fl. 365) nom d'un Indien. — *Japu-wai* vem nos *Glossaria* de Martius, como "avis Cassicus albirostris"; deve ser um Icterida, cujo nome vulgar desappareceu.

IARACATIA (fl. 218 v.) arbre. — *Jaracatiá*, Bixacea (*Carica dodecaphylla*, Vell.). — Difficil de explicar; nota-se na composição o thema *catt* cheiroso, junto a *á* fructo.

IATION (fl. 255 v.) espece de mouche. — *Jatium* ou *Inhatium*. (Culex). — Marcgrav menciona *Nhatiu* ou *Yatium*, mosquito pernilongo em portuguez. — De *y* (demonstrativo: o que), *a* da gente, *té* o corpo, *ú* comer. Este verbo inclue as accepções de picar, pungir, etc. — No Rio Grande do Sul, perto de São Gabriel, existe um banhado com este nome.

IAUOUROU (fl. 242) oyseau. — *Jaburú* ou melhor *Jabirú*. — Ciconiidas. — (*Mycteria mycteria*, Licht.) — De *y* (demonstrativo: o que, aquelle que tem ou está), e *abirú* farto, replecto, inchado, allusão ao grande papo da ave.

IAPOU (fl. 237 v.) oyseau. — *Japú*. — Icteridas (*Ostinops decumanus*, Pall.) — De *ya* (demonstrativo: o que, aquelle que), *pú* soar, fazer rumôr: o que sôa, ou rumoreja. Ha outras explicações.

IAPY OUÄSSOU (fl. 67 v. *et passim*) nom du Principal de l'Isle de Maragnan... (fl. 183) c'est à dire le petit grand oiseaux bigarré, qui est un des beaux & plus rares oiseaux des Indes. — O nome desse chefe indigena domina as duas relações, a do Padre d'Abbeville e a do Padre d'Evreux. A actual denominação do passaro é *Japim* (*Cassicus cela*, Linn.) com o qualificativo *açú* ou *guaçú* grande; aquelle admitte explicações varias, entre as quaes, por melhor definir o objecto, é preferivel a que o faz derivar de *y* (demonstrativo: o que, aquelle que tem), *a* cabeça, e *pii* fina ou delgada.

IBOUYÄPAP (fl. 56) une fort grande & tres haute montagne. — E' a serrania entre o Ceará e o Piauhy, que temos visto em documentos antigos *Ibuapaba*, *Buapaba*, *Boapaba*, etc.; actualmente *Ibiapaba*. — De *yby* terra, *ypab* levantamento, elevação. Ha outras explicações.

IBOUYÄPAP EUGOUÄRE (fl. 260 v.) c'est à dire les habitans d'*Ibouyäpap*. — *Ibiapaba-guára*, de *Ibiapaba* (Vide *Ibouyäpap*) e *guára* morador, habitante, como no texto.

Ieiou (fl. 246 v.) poisson. — *Jijú* ou *Gejú*, peixe do mar (*Erythrinus unitaeniatus*, Spix). — Difficil de explicar.

Iereuoussou (fl. 182 v.) Principal... nom d'un oyseau ainsi appellé. — *Gerebuçú*, de *geréba*, nome do *Cathartes aurea*, Linn., explicado por *geré* volver, girar, *ba* por *bae*, suffixo do *nomen agentis*: o que volve, o que gira, volvente, girante, pelo continuo movimento que faz a ave com o pescoço; *uçú* grande.

Ieropary (fl. 70 *et passim*) le diable. — *Jurupari*, o demonio incubo, um genio da mythologia tupi. O nome é susceptivel de explicações várias; entre todas afigura-se-nos mais racional a de Baptista Caetano, por *y-ur-upá ri*, o que vem á, ou sobre a cama, porque inclue a idéa de pesadelo, que o vocabulo exprime nos diccionarios, e que o indio, por não poder explicar, attribuia a causas sobrenaturaes, como á visita de um genio malfazejo emquanto dormiam. Aliás, não é outra a origem do francez *cauchemar*, do inglez *night-mare*, do hollandez *nagt-merrie*, em que o mesmo radical *mar*, *mare*, *merrie*, tem o sentido geral de incubo, demonio, etc.

Ierouty (fl. 239) oyseau. — *Jurutí*, nome commum a diversas aves Peristeridas. — De *yurú* pescoço, *tí* branco.

Ieuiréé (fl. 60 v.) qui est un port en la grande l'Isle; (fl. 184 v.) c'est à dire les fesses esguisées. — Y. d'Evreux escreveu *Yuiret*. — A significação do texto póde reportar-se a *ebiré*, de *ebi* trazeiro, as nadegas, e *ré* diverso, differente, disfarçado, quiçá alludindo á conformação topographica do porto referido. A rigôr seria *tebiré*, porque *ebi*, em composição, vem sempre precedido do *t* generico ou absoluto, como em *tebira* ou *tebiró* nefandus, sodomita, *tepitambóca* hemorrhoidas, e outras.

Ingá (fl. 226) arbre. — *Ingá*, Leguminosa da divisão Mimosacea, de que existem muitas especies no genero Inga. — De

yg̃á embebido, ensopado, empapado, qualificativo que apparece com a possivel quéda de um nome por elle qualificado *yba, ybyrá*, etc. Comprehende-se a denominação porque se trata de uma planta ripária.

INGAROBOUY (fl. 188) Principal... c'est à dire le chantre bleu. Deve ser *Guiraoby*, de *guirá* passaro, *oby* azul ou verde.

IOUQUERE (fl. 306 v.) saulce ordinaire de toutes leurs viandes. — *Juquiry*, de *yuquir* sal (literalmente *y*, demonstrativo, o que, *ú* comida, *quir* aguça), e *y* agua: agua de sal, salmoura, molho.

IOUBOY (fl. 253 v.) couleuvre. — *Gibóia*, nome commum ás Boidas, em especial á *Boa constrictor*, Linn. — De *gy*, metaplasmo de *yg* agua, e *mbói* cobra: cobra d'agua.

IOUCOUROUTOU (fl. 240) oyseau. — *Jucurutú*. Caprimulgidas (*Strix nhacurutu*, Vieill.). E' voz onomatopaica.

IOUPARA (fl. 252 v.) espece de monne... rayées de blanc sur autres diverses couleurs. — *Jupará*, ursideo (*Cercoleptes caudivolvulus*, Pallas). Talvez de *çoó* animal, *pará* variegado, de diversas côres, como o texto indica.

IOURA-EUTA-OUÄSSOU (fl. 188) Principal... c'est à dire les grands bastons d'un dressoir. — Talvez, *Giráu-itá-guaçú* pedra de giráu grande.

IOURAPOUPIARES (fl. 189) Indiens. — Será *Jurapupiáras* ou *Jurapupiás*, tribu indigena desconhecida. — Nome difficil de explicar.

IOUTAY (fl. 225 v) arbre. — *Jutai*, Leguminosa (*Hymenæa courbaril*, Linn.) Talvez corruptella de *y-átá-yb* arvore de agua dura, ou de resina; se se tratasse de vegetal espinhento, poderia ser *yu-etá-yb* arvore de muito espinho. (Vide *yata-vua*).

IOÜY (fl. 126 v.) nom d'un Indien. — *Jui*, a gia, a rã (*Rana*). Talvez onomatopaico.

ITA-ENDAUE (fl. 182 v.) village... c'est à dire la place de pierre. — *Itaendába*, de *itá* pedra, *endába* logar, sitio, pouso, como no texto.

ITAIEUC (fl. 298) pieces blanches d'argent. — *Itajyca*, de *itá* pedra ou metal, e *jyca* quebrado, ou que se québra, quebradiço, o estanho. — Para designar a prata propriamente tinham o vocabulo *itatinga* pedra ou metal branco. Equivoco do autor.

ITAIOUP (fl. 298) pieces iaunes d'or. — *Itajúba*, de *itá* pedra ou metal, e *yúba* amarello; ouro, dinheiro.

ITAOC-MIRY (fl. 187 v.) Principal... c'est à dire la petite maison de pierre. — *Itaóca-mirim*, de *itá* pedra, *óca* casa, *mirim* pequena, como no texto.

ITA-ONGOUÄ (fl. 187) Principal... qui signifie le mortier de pierre. — *Itá-anguá*, de *itá* pedra, *anguá* pilão, o almofariz.

ITAPARY (fl. 120 v.) nom de lieu. — *Itapari*, que, segundo Bettendorf, é assim chamada em razão das cambôas que havia para a banda da bahia de São José. — De *itá* pedra, *pari* cercado, curral.

ITAPOUCOU (fl. 362) nom d'un Indien... qui signifie une barre de fer. — *Itapucú*, de *itá* pedra ou ferro, e *pucú* comprido; barra de ferro, alavanca. — Os diccionarios trazem *itapecú* barra de ferro, como está traduzido no texto.

ITAPOUCOUSAN (fl. 183 v.) Principal... c'est à dire les fers qu'on met aux pieds. — Deve ser *itacupyçama*, de *itá* ferro, *cupy* de pernas, *çama* ligar, prender, amarrar; corrente de ferro, grilhões.

ITAPOUYSSAN (fl. 362 v.) nom d'un Indien... qui signifie l'ancre du navire. — *Itapoyçama*, de *itá*, de ferro, *poyçam* mão que prende ou amarra, a ancora; *poichã* está no *Tesoro* com o significado de mão que amarra.

IUNIPAP (fl. 219) arbre. — *Genipapo* (*Genipa americana*, Linn.). — De *nhandipab* ou *jandipab* fructo de esfregar, ou que serve para pintar, que tal era o destino que davam ao fructo verde. A' fl. 186 v. occorre a variante *Ieneupa-eupé*, em que *eupé* vale *yb*.

IUNIPARAN (fl. 67 v.) village; (fl. 183) c'est à dire, *Iunipap* amer. — Difficil de explicar, com a significação dada; amargo seria *rób* e não *ran*. — Como em Bettendorf occorre *Ianiparana*, póde-se suppôr o suffixo *rana* com o significado proprio: similhante, parecido.

IURUUE (fl. 234 v.) perroquet. — *Ajurú*, *Jurú*, *Ajerú* e *Jerú*. — Nome applicado á *Amazona aestiva*, Linn., e outras especies affins de Psittacidas. — De *a* gente, *yurú* bocca: allusão ao fallar o papagaio como gente. — Ha outras explicações.

K

KAKER (fl. 228 v.) plante... semblable au *Gyromon*. — Difficil de identificar; não se trata da *Caá-quéra*, que é uma Leguminosa (*Cassia sericea*, Sw.).

KARACOU (fl. 302 v.) vin doux... faict de racines de Maniochcaue. (Vide *Caracou*).

KARAKARA (fl. 233) oyseau de proye. — *Caracará*, Falconidas (*Polyborus tharus*, Mol.). — O nome é dado como onomatopaico.

KAROUÄTA (fl. 228) plante. — *Caraguatá*, *Carauatá*, *Crauatá* e *Gravatá*, nomes que designam a mesma especie de Bromelia, conforme á região onde medra. — De *caá-raquaatá* herva de ponta dura, como explica Baptista Caetano (*Notas aos Indios do Brasil*, de Fernão Cardim); ou de *cará-uã* talo ou nervura farpada, e *atã* duro, rijo, segundo Sampaio. E' irregular a graphia do texto sobre este vocabulo, que apparece como se vê acima, e tambem *Caraouãta* e *Carouãta*.

KARY-PYRA (fl. 241 v.) oyseau. — *Carapirá* ou *Grapirá*. — Frégatidas (*Fregata aquilla*, Linn.). — De *cará*, alteração de *quirá* passaro, e *pirá* peixe.—E' nome de um principal da nação Tabajára, que com outros indios acompanhou á França os missionarios capuchinhos, e lá morreu. Seu appellido tambem vem graphado *Carypyra*.

KAUOURÉ (fl. 223) oyseau.—*Caboré*. Bubonidas. (*Glaucidium brasilianum*, Gm.). — De *caá* mato, *boré* por *poré* morador.

KERÉ-IOUÄ (fl. 239) oyseau. — *Querejuá* vem em Gabriel Soares; em outros autores *Crejuá*. Actual *Quiruá*, Cotingidas (*Cotinga cincta*, Kuhl), o mesmo *Curuá* dos moradores da costa do Norte, segundo Goeldi (*Aves do Brasil*).

KEREMBAUE (fl. 293) c'est à dire un homme belliqueux, vaillant. — *Carimbabo* está nos diccionarios tupis com o significado de forte, rijo, valoroso, que parece relacionar-se com *cuymbae* varão, macho, valente, que vem no *Tesoro*, ou com *quercymbae* aquelle que não dorme, que está alerta, vigilante. Com a mesma accepção dá o Padre Figueira (*Relação do Maranhão*) o termo *querimbaba*: "e que posto que já tinha fama de *querimbaba* e valente todos lhe querião bem..."

KESSÉ (fl. 283 v.) couteau. — *Quicé* faca, instrumento cortante. — De *quyi* ou *quyr* cortar.

KEUÄP (fl. 283) peignes. — *Kibába*, de *kyb* piolho (Pediculus), e *ab* cortar (carpere), conforme a explicação de Baptista Caetano (*Apontamentos sobre o Abañeénga*). Léry escreveu *kuap*, mas nos diccionarios tupis vem *kybába*, equivalente a *kyguá* dos guaranis.

KO (fl. 284) jardin... qu'ils font dans les bois à demy quart ou un quart de lieuë és environs de leurs villages. — *Có*, a róça, a plantação, quiçá relacionando-se com *co* ou *cog* sustentar, alimentar.

KOARASSUH (fl. 316 v.) le Soleil.—*Coaracy*, de *guara*, participio nominal de *ecó* o que é, o ser, o vivente, e *cy* mãe: mãe dos seres, ou dos viventes. —Na mythologia tupi a *Coaracy* coube a missão de crear os animaes.

KOEUIOUP (fl. 257 v.) petites bestelettes grandes comme les Grillons & assez semblables...—*Okyjú*, como está no *Diccionario Portuguez e Brasiliano*, correspondente a Grillo, insecto orthoptero da familia Grillidas.

M

MACACHET (fl. 229 v.) racine. — *Macacheira*, Euphorbiacea (*Manihot aipi*, Linn.).—Segundo Sampaio, o *aipim*, que se comia assado, se chamava *aipi-macaiera*, donde por erronia se fez *aipi-macacheira*, ou simplesmente *macacheira*, como é vulgar no Norte.

MACOUCAOUÄ (fl. 237) oyseau.—*Macucaguá*, ou *Macaguá*, Falconidas (*Herpetotheres cachinnans*, Linn.).—De *má* por *ybá* fructo, e *cugiyuár* por *curihár* que traga, tragador, comedor; ou melhor, por accórde com o nome generico e com o instincto da ave, de *mbói-acá-hár* aquelle que briga com as cobras.—*Acauã*, *Cauã* e *Macauã* são outros nomes dessa ave.

MAËCAN (fl. 188 v.) village... c'est à dire la teste de quelque chose.—Será *mbaé-acanga*, de accordo com a traducção do texto.

MAÏS (fl. 52 v.) plante. — *Maís*, *Mays* ou *Maize*. — Graminea (*Zea maïs*, Linn.) o milho.—Não é vocabulo tupi; pertence á lingua haitiana, e foi conhecido na Europa desde a primeira viagem de Colombo. (Vide *Auattyy*).

MANDOUY (fl. 229 v.) petite racine que se trouve en la terre, grosse & longue comme le poulce. — *Mandubí*, Leguminosa Papilionacea (*Arachys hypogoea*, Linn.). — De *ybá*

fructo, *tyby* sepultado, enterrado. O demonstrativo pronominal *t* de *tyby*, por estar intercalado, não é extranho que se mude em *nd*; o *y* de *yby* transforma-se ora em *u*, ora em *i*; e a quéda do *y* inicial é frequente, conforme Baptista Caetano (*Notas aos Indios do Brasil*, de Fernão Cardim). Piso escreve *amenduinas*; hoje se diz *amendoim*, provavel diminutivo de *amendoa*.

MANEN (fl. 359) nom d'un Indien.—*Panema*, pobre, infeliz, inutil, esteril, mal saïdo, mal suçcedido, etc.

MANGAA (fl. 218 v.) fruict et arbre. — *Mangába*, Apocynea (*Hancornia speciosa*, Gomez, ou, por direito de precedencia, *Riberia sorbilis*, de Arruda Camara). *De mangá* visgo, *yba* arvore: arvore de visgo.

MANIEUP (fl. 229 v.) plante ou petit arbreau. — *Maniba* ou *Maniva*. — A dicção *mani*, ou *mandi*, como se usa na composição, é difficil de explicar: póde ser contracção de *ybá-yb* arvore de fructo, por excellencia, porque constituia a base da alimentação, como póde ser arvore do céo, segundo a tradição geral e constante na America do Sul, da vinda de um ente sobrenatural, de um pae extrangeiro *Tumé*, *Sumé* ou *Tubé* (em quem os catechistas pretenderam reconhecer São Thomé), que veio ensinar ás gentes o cultivo da planta e outras cousas novas. Essas explicações têm o valôr de simples hypotheses; o thema permanece indecifravel. Que seja tupi, não resta duvida. Baptista Caetano, tratando de mandióca, acha notavel que, sendo um dos termos mais espalhados e usados, não venha nos vocabularios, e no *Diccionario Portuguez e Brasiliano*, por exemplo, que trata de *typyrati*, *uypuba*, *carimã*, farinhas de *mandióca*, não haja a menor referencia a esse nome, considerado como se fosse portuguez, ou de outra procedencia.

MANIOCH (fl. 229 v.) racine. — *Mandióca*, Euphorbiacea (*Manihot utilissima*, Pohl). — De *mani-óc* tirado ou proce-

dente de *mani*. O texto especifica: *Manioch été* mandióca verdadeira ou legitima, e *Manioch caue*, que não tem explicação plausivel.

MANIOT (fl. 77) racine. — *Mandióca*. (Vide *Manioch*).

MANIPOY (fl. 223) espece de potage fort excellent à manger. — Não alcançámos explicar esta dicção, que não se encontra nos vocabularios; mas talvez se possa reporta-la a *tucupi*, que é um môlho similhante usado actualmente no Norte do Paiz, feito de *manipuera* concentrada ao fogo.

MAOUÄRIP (fl. 241) oyseau... un Heron.—*Maguari*, Ciconiidas (*Euxenura maguari*, Gm.).—De *mbaguari*, vagaroso, tardo, que caminha pesadamente, pesadão, segundo Baptista Caetano.

MAOUÄRY-OUÄSSOU (fl. 184) Principal... qui est le nom d'un grand oyseau blanc. — *Maguari-guaçú* (Vide *Maouärip*); *guaçú* grande.

MAPOUYB COUÄY CHOUÄRE (fl. 275) brasselet. — A phrase é descriptiva, e póde ser deste modo reduzida ao tupi: *Mbaé poi cuacuáb* cousa em fio para cingir, — que exprime a idéa contida no texto.

MARACA (fl. 300) instrument... faict d'un fruict. — *Maracá*, de *mbara* forte, resistente, e *cá* casca, a códea, o envolucro.

MARACANA PISIP (fl. 184) village... qui signifie le grand Oyseau nommé *Maracana*. — *Maracanã-piciba*, de *maracanã* (Vide *Margana*), e *piciba* suja, immunda. — Bettendorf inseriu *Maracanapirip*, como leu em Laet, e que corrigiu dubitativamente para *Maracanapiri;* mas na edição franceza de Laet lemos o nome como d'Abbeville o escreveu.

MARACAPOU (fl. 188) Principal... qui signifie le son d'une sonnette. — *Maracapú*, de *maracá* (Vide *Maraca*) e *pú* ruido, rumôr, barulho: ruido de *maracá*, como se traduz no texto.

MARACOU (fl. 178) riviere. — *Maracú*, sem explicação plausivel; Martius (*Glossaria*) pretende que seja contracção de *ymira-urucú*. — A actual cidade de Vianna está situada aonde foi a aldeia de Maracú, fundada pelos Padres da Companhia de Jesus.

MARAGNAN (fl. 48 v. *et passim*) terre du Brésil.—*Maranhão*, vocabulo de étymo incerto, que não parece tupi.

MARAGNAN EUGOUÄRE (fl. 260 v.) c'est à dire les habitans de Maragnan. — *Maranhão-guára*, de Maranhão (Vide *Maragnan*), e *guára* morador, habitante.

MARCOYÄ PEROP (fl. 182 v.) Principal. — *Maracujá-peróba*. (Vide *Markoya Pero*).

MARGAIA (fl. 251 v.) espece de Chat sauvage. — *Maracajá*, carniceiro (*Felis pardalis*, Linn.). — Difficil de explicar; não satisfazem os étymos propostos, em que appareça o thema *mbaracá* instrumento musico, sem outras relações com o nome do Felidas que não sejam as da euphonia.

MARGANA (fl. 234 v.) perroquet. — *Maracanã*. Psittacidas (*Ara maracana*, Vieill). — Gabriel Soares escreveu *Marcaná*. — De *mbaracá*, o instrumento, *rã* ou *nã* similhante, parecido, alludindo ao vozeado que fazem essas aves; mas, como andam sempre em bandos, póde admittir-se *paracauanã* papagaios colligados, conjuntos.

MARGOYÄ (fl. 220) espece d'arbriseau qui se lie au tour des arbres. — *Maracujá*, nome generico das Passifloras. — O autor dá como um mesmo vegetal este e *Goyaue*, que é uma Myrtacea (*Psidium guayava*, Radd). — Vide *Margoyäue*).

MARGOYÄUE (fl. 183) nom d'un fruict. — *Maracujá*, nome generico das Passifloras. — De *mbo-cuy-á* fructo que faz vaso. — E' assás irregular a graphia do texto a respeito deste nome, que apparece como *Marcoyä*, *Margoyä* e *Markoyä*.

MARIGOUY (fl. 255) moucheron. — E' o pequeno diptero hematophago da familia Chironomidas (*Culicoides maruim*, Lutz). — *Maruim*. — Em Gabriel Soares, *marguí*; *marigui* em Maregrav. — Littré regista *maringouin*, que os entomologistas francezes usam desde Macquart (*Histoire naturelle des insectes — Suites à Buffon* — Paris, 1834); mas desconhece a origem, que não póde ser outra senão a do nosso *maruim*, de *mberú* mosca, *i* pequena.

MARINGOUIN (fl. 255) moucheron. (Vide *Marigouy*).

MARKOYA PERO (fl. 86 v.) nom d'un Indien. — *Maracujá-peróba*, nome de uma especie de Passiflora. — De *maracujá* (Vide *Margoyäue*) e *peróba* casca amarga, ou amargosa.

MATARAPOUA (fl. 160) Principal. (Vide *Metarapouä*).

MAUKAIÉ VUE (fl. 224) arbre... fort haut, ayant les fueilles assez semblables au poirier & les fleurs iaulnes... — *Macujé-iba*, uma Apocynea. — Em Gabriel Soares *Macujé*. — Difficil de explicar.

MAYCHOUÄRE (fl. 188) Principal... qui est le nom d'un arbre. — Será *Majuára*, conforme á graphia do texto; mas difficil de explicar, como de identificar a arvore a que se refere.

MAYÖUE (fl. 95 v. *et passim*) riviere et village; (fl. 185) nom de certaines fueilles d'arbres qui sont fort longues & larges.—*Maïobe* e *Mayobe* em Y. d'Evreux; mas, conforme a explicação do texto, deve ser *Tayába* (Caladium), composto de *tayá*, como em *Taiapouän*, e *oba* folha.

MAYRATA (fl. 131) nom d'une Indienne. — *Mairatá*, um genio da Theogonia tupi, *Mair-atá*, o deus viajante, como explica Gonçalves Dias (*Brasil e Oceania*). — Note-se, porém, que *mairatá* fogo de francez (*mair*), era em principios a denominação da espingarda no tupi, substituida depois por *mocába*, que está nos diccionarios.

MENDOUUEL (fl. 247) poisson. — *Mandubé*, peixe do mar (*Hypophthalmos edentatus*, Spix). Difficil de explicar; talvez se relacione com *mandiy*, nome dado aos bagres.

MEROU (fl. 255) mouche. — *Mberú* mosca, de *mbir* pelle, *ú* comer, picar, pungir, chupar.

MEROU OUBOUYH (fl. 255 v.) sont Mouches toutes vertes. — *Merobi*, a verejeira. — De *mberú* mosca, *oby* verde. Marcgrav traz *Mberuobi*; Martius define — musca viridis splendens.

METARAPOUÄ (fl. 182) Principal. — *Metarapuá*, de *metára* (contracção de *tembetá* batoque do beiço) e *apuá* redondo, arredondado.

MEUROUTY-EUUE (fl. 185 v.) village... le baston, ou bien l'arbre de Palme. — Actual *Miritiba*. — De *ymbirity* arvore que liquido emitte, a palmeira (*Mauritia vinifera*, Mart.), e *yba* pé, fuste, haste, caule. — A's fls. 136 v. e 221, estão respectivamente *Meureutieupé* e *Meuruti-vue*, com identica definição, variantes do nome acima, com suffixos equivalentes.

MIARY (fl. 158 v.) riviere. — *Meary* actual, de *mbiá-r-y* rio da gente, onde se navéga.

MIARY EUGOUÄRE (fl. 261) les habitans de Miary. — *Meary-guára*, de Meary (Vide o precedente), e *guára* morador, habitante.

MIGAN (fl. 67 v.) un des nos truchemens... natif de Dieppe. — David *Migan* viveu muitos annos entre os Indios e morreu na batalha de Guaxinduba; seu nome parece simples variante do tupi *mingáu*.

MINO (fl. 275 v.) brasselet. — Difficil de explicar com tal significação. *Minô* ou *menô* é fornicar, exercer a copula. Se se tratasse da liga ou axorca symbolica da virgindade,

poder-se-ia reportar a *mendára* ou *menára*, do mesmo radical, exprimindo o acto de casar o varão, de tomar a liga, que se chamava propriamente, como veremos, *tapacurá*.

MIRIKINA (fl. 252 v.) espece de monne. — *Miriquiná*, simio (*Nyctipithecus trivirgatus*, Spix). — De *myraqui* gente suja, immunda (donde *Muriquí* ou *Buriquí*, nome de outra especie de simios), e *nã* parecido, similhante.

MOISSOBOUY (fl. 131) nom d'un Indien. — Quiçá *mbói-oby* cobra verde, ou azul. — O Padre Luis Figueira, na *Relação do Maranhão*, refere-se frequentemente a um indio chamado *Cobra-azul*, que era principal.

MOMRORÉ OUÄSSOU (fl. 149) nom d'un Indien vieillard... aagé de plus de neuf vingts ans. — Esse indio, segundo dizia, tinha assistido o estabelecimento dos portuguezes em Pernambuco e no Potengy.—*Boré-guaçú*, de *mbyré* especie de trombeta ou flauta, e *guaçú*, grande.

MORECY (fl. 224) arbre... croist (encore) dans les sables: il a la feuille assez semblable à celle du Coing: la fleur en est iaulne: le fruict est assez petit, un peu aigret et de fort bon goust. — *Muricy*, uma Malpighiacea (*Byrsonima verbascifolia*, Rich.)—De *mbo-r-ycy* faz que resine, ou que grude.

MOUCOURU (fl. 55 v.) Ance. — *Mucuripe*, enseada na costa do Ceará, formada pela ponta do mesmo nome. — Póde ser *mucur-y-pe* no rio das *mucuras* (Marsupios do genero Didelphys).

MOUNIN (fl. 178) riviere. — *Monim*, segundo Sampaio, corruptella de *mã-ní* o que é enrugado ou encrespado, o ondeado. Martius traduziu como rio do mondéo, que não é acertado.

MOUROURÉ (fl. 224 v.) arbre. — *Mururé*, uma Urticacea? — Difficil de explicar.

Mouscou (fl. 247 v.) poisson... assez semblable à Languille. — *Muçú* ou *muçum*, especie de enguia (*Symbranchus marmoratus*, Bl.) — Explicado por Sampaio como corruptella de *mo-cym* faz que deslise, o escorregadio, o resvaloso.

Moütin (fl. 184) Principal... c'est à dire la rassade blanche. — Será *mboy* ou *poy* missanga, e *tin* branca.

Moutouc (fl. 253) espece de Mouches fort grosses et belles à voir. — *Mutuca*, diptero Tabanidas. A especie mais frequente no Norte (Pará, Maranhão e Norte de Goyaz) é a *Tabanus importunus*, Wied.—Gerundio de *mbotuy* furar, a que fura ou aguilhôa, a perfurante.

Moyton (fl. 236) oyseau... qui est grand comme le Paon et est assez semblable excepté la queuë. — *Mutum*, nome generico dos Cracidas. — De *mytun* por *pytun* e *pytuna* noite: escuro, negro, por extensão; originariamente qualificativo, dizendo passaro negro ou escuro. — Para alguns é onomatopaico.

Moyton-tin-Mirin (fl. 236) oyseau... tout le plumage rouge & blanc. — *Mutum-tin-piranga*, o *Mutum* branco e vermelho. — Parece fratar-se da especie *Mitua mitu*, Linn.

N

Nambou (fl. 237) oyseau. — *Inhambú*, *Nhambú* ou *Nambú*, nome generico dos Tinamidas, especialmente do genero Crypturus, e que especificam: *guaçú* grande, *tinga* branco. — Susceptivel de varias explicações, sendo preferivel: de *y* (demonstrativo: o que, aquelle que), *am* levantar-se, elevar-se, erguer-se, e *bú* estrondando: o que se levanta estrondando.

Narinnary (fl. 245) poisson plat, assez semblable aussi à la Raye... tout rayé de noir, et de blanc — *Narinari*, peixe

do mar (*Actobatus narinari*, Euphrasen). — Sob aquella fórma occorre em Marcgrav; *Arinairy* no *Diccionario Portuguez e Brasiliano* vem como *Raia* peixe. No Rio de Janeiro chamam *Raia-pintada*. — Difficil de explicar.

O

Oc (fl. 181 v.) la village. — *O'ca*, de *óy* cobrir, o que cóbre, a casa.

Onbou (fl. 223) arbre. — *Umbú*, ou *Imbú*. Anacardiacea (*Spondias purpurea*, Linn.). — De *y-mbó-ú* o que faz beber, por allusão ás tuberas, que contêm agua.

Ongouã (fl. 305 v.) tronc d'un arbre creusé en forme d'un mortier. — *Anguá*, de *emb* óco, concavo, e *quá* bater. — Nos diccionarios tupis, para significar pilão, vem *enduá* ou *induá*, ao passo que a dicção *anguá*, que está no *Tesoro*, é privativa dos vocabulos guaranis.

Ongouã xã xabe (fl. 305 v.) au lieu de pilon ils se servent d'un baston long. — *Anguauayba* mão do pilão ou gral, conforme Baptista Caetano. Nos diccionarios tupis com aquelle significado, occorre *induá-ména*.

Onmery (fl. 225) arbre. — *Umary*, Leguminosa (*Geoffroya spinosa*, Linn.). — Segundo Sampaio, de *yba-mbo-ri-y* arvore que faz que verta agua, alludindo ao curioso phenomeno de verter no principio do inverno tanta agua dos olhos que chega a molhar o sólo, o que é para os sertanejos bom signal de estação chuvosa.

Oouue (fl. 288 v.) flesche. — *Uyba*, flecha. — Difficil de explicar, mas deve reportar-se a *yb* vara.

Opean (fl. 247) poisson... la peau toute rayée de rouge. — Talvez *Piáu*, peixe d'agua doce, que pertence ao genero Leporinus. — De *pi* pelle, *áu* manchada, ou suja.

OROBOUTIN-EUGOUÄUE (fl. 187) village... c'est à dire le lieu où le Corbeau va boire. — *Urubú-tin-guába* de *urubú tinga*, Carthartidas (*Cathartes urubutinga*, Pelz.) e *guába*, participio de *ú* comer ou beber: o em que, ou onde se come ou bebe. (Vide *Ouroubou*).

OUÄCARA (fl. 244) oyseau. — *Guacará*, nome dado a diversas aves nadadoras (*Anseres*) e a peixes. — Difficil de explicar.

OUÄCARA (fl. 244) poisson. (Vide o que precede).

OUÄCARA-ON (fl. 241) oyseau. — *Guacará-una*, o guacará negro.

OUÄCOURY (fl. 221) Palmier.—*Oacuri*, palmeira do genero Attalea. — De *oá* por *ybá* fructo, *curii* amiudado, repetido, por fructificar de continuo.

OUÄCOURY ROUAN (fl. 221) moelle... tres-blanche... dedans le tronc de cet arbre. — *Oacuri-ruan*, de *oacuri* (Vide *Ouäcoury*) e *ruan*, absoluto, de *uan* talo, caule, grêlo, miolo: o palmito do *oacuri*.

OUÄGIROU (fl. 224) arbre. — *Guagirú*, Rosacea (*Chrysobalanus icaco*, Linn.). Em Gabriel Soares *Abajerú*. — De *guá* por *ybá* fructo, e *yarú* damnoso, prejudicial: porque o fructo deixa nos labios de quem o come um suco leitoso e visguento, que custa a saïr. — Diz-se tambem *Guajarú*, *Guajurú* e *Uajurú*.

OUÄIOUPIA (fl. 323) nom de lieu. — Talvez *Guajupiá*, contracção de *guaiá*, nome generico do caranguejo, e *upiá* óvas. — Note-se que no guarani *guayupiá* é feitiço.

OUÄIEOUP (fl. 178 v.) riviere. — *Guajahú*. — De *guaiá* caranguejo, *hu* por *y* rio.

OUÄIEROUÄ (fl. 218 v.) arbre. — Deve ser, conforme á graphia, *Guagiruá*; mas não conseguimos indentificar. (Vide *Ouägirou*).

OUÄPACARI (fl. 267 v.) une racine. — Será *Guapãcarí*, difficil de explicar.

OUÄRA (fl. 240 v.) oyseau. — *Guará*· Ibididas (*Eudocimus ruber*, Linn.). — De *guag* adornos, enfeites, e *rãb* plumas, que tal era o destino que davam ás pennas dessa ave.

OUÄRA (fl. 245) poisson. *Guará*, quiçá alterado de *acará*, por *ocará*, o que tem casca ou escamas, o cascudo.

OUÄRA-AUBOYH (fl. 184) Principal... qui signifie l'oyseau bleu. — *Guará*, melhor *guirá* passaro, *oby* azul.

OUÄRAOUÄ (fl. 243 v.) poisson. *Guaraguá*, o peixe-boi, cetaceo (*Manatus inunguis*, Natterer) — **Do frequentativo *guára-***. *guára* come-come, comilão; ou, tambem, por coincidir com o habito desse cetaceo, de *ygua-r-guá* morador em enseadas.

OUÄRA OUÄSSOU (fl. 362) Principal... qui est le nom d'un poisson. — *Guará-guaçú* (Vide *Ouära*), e *guaçú* grande.

OUÄRAPIRAN (fl. 183 v.) village... c'est à dire le terrier rouge. — *Guará-piranga*, o *guará* vermelho. *Guará* é o carniceiro (*Canis jubatus*, Dems.), o lobo brasileiro, que se explica por *aguará*, participio de *aób*, o que briga.

OUÄRARA (fl. 119) espece de tabourin. — *Guarará* tambôr, de onde provém o nome dos montes celebrados pelas duas batalhas, que se feriram entre luso-brasileiros e hollandezes, em Pernambuco.

OUÄRIUE (fl. 252) sortes de Monnes et Guenons... elles crient si haut qu'on les peut entendre environ d'une lieuë. — *Guariba*, nome de uma casta de simios (*Mycetes*). — Susceptivel de diversas explicações, entre as quaes, por accórde com o habito do animal, que o texto assignala, e o nome generico que a sciencia lhe deu, póde ser admit-

tida a que Baptista Caetano suggere: de *guahúr-yh* chefe dos cantores ou berradores.

OUÄROUÄ (fl. 283) c'est à dire mirouers. — *Guaruá* ou *oaruá* espelho, o que sua sombra faz erguer ou nascer. O equivalente guarani é *ye-echacába*, de *ye-echág* vêr-se; aquillo em que se vê.

OUÄROUMA-OUÄSSOU (fl. 182) Principal... c'est à dire l'arbre et les branches, avec lesquelles ils font les cribles à passer farine. — *Guarumá-guaçú*, Marantha *sp. var.* — Tambem se escreve *Uarumá*. — Difficil de explicar. — O prestimo que tinha esse vegetal é o mesmo actualmente.

OUÄROYIO (fl. 364) nom d'un Indien. — Póde ser *Guarujó*, de *guarú* sapo, e *yó* tirado, procedente: o filho do sapo.

OUÄTIMBOOP (fl. 119) village. Talvez *Guatambú*, nome de uma Apocynea (*Aspidosperma sessiliflorum*, Mart.). — De *gua*, contracção de *guará* por *ybirá* páu, madeira, *atã* forte, dura, e *mbú* soar, ser sonante.

OUÄTOUCOUPA (fl. 244) poisson. — *Guatucupá* (*Otolithus guatucupa*, Cuv.). — Segundo Marcgrav, *Corvina* em portuguez. No *Diccionario Portuguez e Brasiliano*, significa *Pescada* (*Oatocupá*). — De *y* (demonstrativo: o que tem), *atuc* dorso, costas, e *apár* vergado, curvo.

OUÄUIROU (fl. 160) nom d'un Indien. — *Guabirú*, o rato (*Mus tectorum*, Savi). — De *guab-porú* que devóra a comida.

OUÄYÄEURO (fl. 364) nom d'une Indienne... c'est à dire plumache plumé. — Será *Guarayró*, de *guará* plumas, pennas para enfeites, e *yró* eriçadas, em pé, hirtas.

OUÄYCHO (fl. 237 v.) oyseau. — *Guache*. Icteridas (*Cassicus hoemorrhus*, Daud.). — E' voz onomatopaica.

OUÄYGNON-MONDEUUE (fl. 182v.) Principal... qui signifie le lieu où l'on prend les Crabes bleuës. — *Guaiamú-mondé*. — De guaiamú (Vide *Guégnomoin*) e *mondé*, que Sampaio explica por *mbo-ndé* fazer sobrepôr ou cobrir, o que envolve, o que se alça; a armadilha, o fojo, o alçapão, o laço, vulgo *mondé* ou *mundéo*.

OUÉGNOMOIN (fl. 248) cancer. — *Guaiamú*, o crustaceo brachyuro (*Cardisoma gunhumi*, Latr.). — De *qua-i* de furados (cóvas), *bur* emerge; ou de *guaiá-m-ú* caranguejo preto, ou azulado. Preferivel este ultimo étymo, porque se trata da grande especie de côr azul.

OUÉGNOMOIN (fl. 317) une constellation de plusieurs Estoilles... c'est à dire Escrevisse. (Vide o que precede).

OUÉNONBOUYH (fl. 239 v.) oyseau. — *Guainumbi*, nome commum aos Trochilidas (*Beija-flores*). — Tem várias explicações: preferivel a que faz derivar de *guay-n-omby* aquelle que é de côr verde ou azul, caracteristico principal da ave.

OUIA OUÄSSOU (fl. 248) cancre. — *Guajá-açú*, especie grande dos mangues.

OUIRA-EUBOUCOU (fl. 186 v.) Principal... le long arbre. — De accordo com este significado, será *ybyrá-pucú* arvore longa, comprida.

OUIRAO PINOBOUIH (fl. 364) Principal... c'est à dire l'Oiseau bleu sans plumes sur la teste. — Será *Guirá-pin-oby* passaro raspado ou pellado azul.

OUIRAROUÄNTIN (fl. 188 v.) Principal... c'est à dire l'arbre blanc. — Será *ybyrá-tinga* arvore branca, conforme ao texto; a syllaba *rou* intercalada não tem explicação.

OUIRA SAPOUKAI (fl. 242 v.) Poulles communes. — *Guirá-sapucaya*, nome do gallo e da gallinha domesticos entre

os tupis da cósta. — De *guirá* ave, *çapucay* canto, grito, clamôr: **canto de ave, ave que canta, grita, ou clama.**

OUIRA-TIN (fl. 241) oyseau. — *Guirá-tinga*, Ardeidas (*Herodias egretta*, Gm.). — De *guirá* passaro, *tinga* branco.

OUIRAYUE-OUSSOU (fl. 187) Principal... qui signifie le vieil oyseau. — Será *Guirajú-uçú* passaro amarello grande, e não passaro velho, como quer o texto.

OURABOUP (fl. 248 v.) cancre. — Será *Urarúba*, nome tão difficil de interpretar como de identficar.

OUROU (fl. 238) oyseau. — *Urú*, nome de várias perdizes pequenas, do genero Odontophurus e outros, estendido aos gallinaceos em geral. — E' voz onomatopaica.

OUROU (fl. 283) pannier... faict de fueilles de Palmes. — *Urú*, de *y* (demonstrativo: o que), *rú* conter, trazer, o que contém, ou traz, o continente, vaso, cesto, etc. O vocabulo *urú* ainda se usa em alguns Estados do Norte.

OUROUBOU (fl. 316 v.) Constellation... en forme de cœur. — *Urubú*, nome generico dos Cathartidas, susceptivel de várias explicações, das quaes a mais conforme com a bibliographia é a que o faz derivar de *urú* ave (gallinaceo em geral) e *bú* negro; póde admittir-se outra que o derive de *urú*, como acima, e *ú* voraz, o corvo. — Talvez a constellação a que o texto se refere seja a do Corvo.

OUROUBOU-ANPAN (fl. 183 v.) Principal... qui veut dire le Corbeau enflé. — Será *Urubú-anan*, de *urubú* (Vide *Ouroubou*); *anpan* talvez esteja por *anan* grosso.

OUROUCOU (fl. 226) arbre... Il porte un fruict qui est remply de petits grains rouges, dont les Indiens se servent pour la teinture. — *Urucú*, o vermelhão (*Bixa Orellana*, Linn.). — Baptista Caetano explica de várias maneiras; mas considerando-se o destino que davam ao vegetal, ou melhor

ao seu fructo, parece-nos razoavel derivar o nome de *ub-rocú* pinta pernas. — Tambem diziam *rucú*, com *r* brando. (Vide *Roucou*).

OUROUCOURÉA OUÄSSOU (fl. 233) oyseau de proye. — *Urucureaguaçú*. Falconidas (*Pulsatrix pulsatrix*, Wied). — O nome é em parte onomatopaico porque a ave, ao parecer dos ornitologistas, pronuncia as syllabsa *curú-rurú-tutú*.

OUROUTAGOUY (fl. 240) oyseau. *Urutauí*. Caprimulgidas (*Nyctibius jamaicensis*, Gm.). — De *urú* ave (gallinaceo em geral), *táu* phantasma, e *i* pequeno.

OURY IOUUE (fl. 244) poisson... qu'il est tout iaune. — *Gurijúba*, peixe do mar, que penetra nos rios por occasião da desóva (*Tachysurus luniscertis*, Cuv. et Val.). — Tambem conhecido pelos nomes de *Bagre-guru* e *Cangatá*. — De *guiri*, nome generico dos bagres, e *yuba* amarello.

OURY-OUÄSSOU-CUPÉ (fl. 185) village... c'est à dire le lieu où sont les *Machorans*, poisons ainsi nommez. — Será *Guiri-açú-çupê* onde jazem os *guiris* grandes, o pescadouro dos *guiris*; *guiri* é o nome tupi dos bagres, e *çupê* é a locativa, exprimindo o *ubi*. (Vide *Ouyry*).

OUSSA (fl. 248) cancre. — *Uçá*, ou caranguejo legitimo; crustaceo brachyuro (*Oedipleura cordata*, Latr.). — De *ub* perna, *eçá* olhos: olhos de pernas, ou podophthalmos. como traduziu Baptista Caetano.

OUSSAPEUE (fl. 248 v.) cancre. — *Uçá-péba*, o *uçá* chato, caranguejo desconhecido.

OUUARAM (fl. 244 v.) poisson. — *Ubarana*, peixe do mar (*Bagres reticulatus*, Kner.). — Marcgrav traz *Vubarana*. — De *yba* páu, *rana* similhante.

OUYÄNANS (fl. 189) Indiens. — Será *Guianãs*, tribu indigena difficil de identificar. — *Goyanás* occorre em Berredo.

OUYRA-ESSA-OUÄSSOU (fl. 148) Principal... qui signifie l'œil du grand oyseau. — Será *guirá-eçá-guaçú*, como no texto.

OUYRA-IOUP (fl. 234) oyseau. — *Guarajúba*, Psittacidas (*Conurus guarouba* Gm.). — De *guirá* passaro, *yuba* amarello.

OUYRA OUÄSSOU (fl. 232 v.) oyseau de proye. *Uiraçú*, nome commum a duas especies de Falconidas: *Thrasaëtus harpya*, Linn., e *Morphnus guaianensis*, Daud. — De *guirá* passaro, *açú* grande.

OUYRA OUÄSSOU-ON (fl. 232 v.) oyseau de proye. — Será *guirá-açú-una* passaro grande negro.

OUYRA OUÄSSOU-PINIM (fl. 182 v.) Principal... C'est à dire le grand oyseau de proye, bigarré de diverses couleurs. — Será *Guirá-açú-pinima*, passaro grande pintado, pontuado, salpicado de pintas ou pontos.

OUYRA-OUÄSSOU-POUYTAN (fl. 232 v.) oyseau de proye. — Será *guirá-açú-pitanga* passaro grande vermelho.

OUYRA OUPIA (fl. 319) deux Estoilles... c'est à dire les deux œufs. — *Guira-rupiá* ovos de passaro. — Devem ser Castor e Pollux, α e β da constellação dos Gemeos. (Vide *Yandoutin*).

OUYRAPAPPEUP (fl. 184 v.) Principal... c'est à dire l'arc plat. — *Guarapapéba*, de *garapar* arco (Vide *Ouyrapar*), e *péba* chato, como no texto.

OUYRAPAR (fl. 288 v.) arc. — *Guarapar*, de *guará* por *ybyrá* páu, *apar* torto, encurvado.

OUYRAPAR OUSSOU (fl. 188 v.) Principal... qui signifie le grand Arc. — *Guarapar-uçú* arco grande, como no texto.

OUYRAPIUE (fl. 12 v.) guerrier Indien... qui signifie en nostre langue Françoise Arbre sec. — Será *ybyrá-ypi*, de *ybyrá*

arvore, páu e *ypi* secco (agua, seiva tirada), accórde com o significado do texto.

Ouyrapouitan (fl. 183) Principal... c'est à dire le Brésil.— *Ibyrapitanga*, Leguminosa (*Cæsalpinia echinata*, Linn.).— De *ybyrá* páu, arvore, *pitanga* vermelho; altera-se *ibirapitan, ibirapuitan, imirapitan*, etc. Yves d'Évreux refere-se a esse principal cujo nome escreve *Ybouira Pouïtan*.

Ouyra rasoy (fl. 233 v.) oyseau... Il enfle et releve souvente-fois les plumes et en faict une rouë autour de sa teste non plus ne moins que les Paons font de leurs queuës, estãt fort plaisant à voir pour l'admirable variété de ses couleurs. — Será, de accordo com o texto, *Guirá-aruai*, ou simplesmente *Aruai*, como hoje é conhecido o Psittacus (*Conurus leucophthalmus*, Muell.).—De *guirá* passaro, e *aruai* (de *aro* sorrir, *ai* mal) chocarreiro, gracejador, motejador, como explica Baptista Caetano.

Ouyraro Kay (fl. 283 v.) poullalier. — *Guyrarócaî* gaiola, gallinheiro. — De *guirá-r-óca-î* de aves casa pequena.

Ouyra-tain-eum (fl. 236) perroquet. — Talvez *Guirá-taî-im* passaro tenro pequeno, avesinha molle, para designar a *Psittacula passerina*, Linn., que na nomenclatura vulgar é ainda baptisada por *Tui-tirica, Cú-cosido, Cú-tapado* e *Tapa-cú*.

Ouyrata Ouyran (fl. 232 v.) oyseau de proye. — Será *guirá-atã-guiran*, difficil de interpretar, como de identificar, pois se em *guirá-atã* temos passaro ou ave forte, para *guiran* não achamos explicação.

Ouyry (fl. 244) poisson. — *Guirí*, nome commum dos bagres, talvez connexo com *cyry*, por terem esses peixes a pelle lisa, escorregadia.

Ouytin (fl. 187) Principal... c'est à dire la farine blanche. — *Uy-tinga* farinha branca, como se traduz no texto.

OUYTY (fl. 225) arbre. — *Oití* ou *Guití* dos escriptores antigos; nome commum a algumas arvores da familia das Rosaceas. Ha nos autores varias etymologias; preferimos, porém, derivar o vocabulo de *yb* arvore, e *tí* branca, porque tem as folhas alvacentas quando em estado novo.

P

PAC (fl. 96 v.) especie d'animal. — *Paca*, o roedor Dasyproctidas (*Coelogenys paca*, Linn.). — De *páq* acordar, despertar, exprimindo o gerundio-supino a esperta, a vivida. — As caxinauás não comem paca para poder dormir. (C. de Abreu, *rã-txa hu-ni-ku-i*, pag. 127).

PACAIARES (fl. 189) Indiens. — *Pacajás*, tribu indigena que habitava o rio deste nome. — De *paca*, o roedor (Vide *Pac*), e *yá* chamado, de nome, que tem nome de *paca*. O rio *Pacajá* tomou o nome dessa tribu.

PACAMO (fl. 246) poisson. — *Pocamão* ou *Pacamão*, peixe d'agua doce, Siluridas; a especie mais vulgar no Norte é a *Lophiosilurus alexandri*, Steind. — Segundo Marcgrav, *Enxaroco* em portuguez. Difficil de explicar.

PACOURY (fl. 222) arbre. — ... Son fruict est gros comme deux poings qui a la peau espesse d'une demi poulce la quelle est tres bonne confitte & est meilleure à manger estant cuitte. — *Bacuri*, Guttiferas (*Platonia insignis*, Mart.). — Talvez de *ybá* fructo, *curí* de alimento.

PACOURY-EUUE (fl. 185) village... qui signifie l'arbre de *Pacoury*. — *Bacuri-yba*, conforme á definição do texto.

PACOURYPANAM (fl. 188) village... qui veut dire les fueilles des *Pacoury*. — Será *Bacuri-panã*, mas *panã* não tem a significação de folha.

PACQUARABEHU (fl. 183 v.) Principal... c'est à dire le ventre d'un *pac* pleine d'eaue. — Talvez *Pacaquarabay*, que de accordo com a explicação do texto, derivaria de *paca* o roedor, *quaraba* o que é furado, ou ôco, o ventre, e *y* agua.

PAGÉ (fl. 122 v.) Barbier. — *Pagé*, o medico, o curandeiro, o feiticeiro, o mestre artifice, magister artium. — Léry escreveu *paijé*; Hans Staden *paygí*; nos escriptos modernos occorre *piaga*. — Entre outras explicações que o vocabulo comporta, preferimos a de Baptista Caetano, derivando-o de *pa-yé* aquelle que diz o fim, o propheta, que era a sua definição mais geral.

PAIOURA (fl. 223 v.) arbre. — *Pajurá*, Rosacea (*Parinarium montanum*, Aubl.). — De *ybá* fructo, *yurá* solto ?

PANAN-PANAM (fl. 255) Papillon. — *Paná-paná*, nome generico do tupi para a borboleta. — Frequentativo de *pan* bater: bate-bate.

PANAPANAN (fl. 246) poisson. — Será *Panapaná*, como occorre em Gabriel Soares. — Na nomenclatura vulgar não se encontra mais esse nome para designar um peixe.

PANNACON (fl. 319) Constellation faicte comme un long pannier. — *Panacúm*, difficil de explicar. — As etymologias que dá Baptista Caetano, tanto no *Vocabulario da Conquista*, como nas *Notas aos Indios do Brasil*, de Fernão Cardim, não nos parecem aceitaveis.

PANYANÄIOU (fl. 246) poisson. — Talvez *Panianajú*, difficil de identificar, pois não se encontra na nomenclatura.

PARANAN EUGOUÄRE (fl. 260 v.) c'est à dire les habitans de la mer. — *Paraná-guára*, de *pará-ná* similhante ao mar, parente do mar, o rio grande, e *guára* habitante, morador. — No tupi costeiro *paraná* significa tambem o mar.

PARAGUÄ (fl. 235) perroquet. — *Paraguá*, nome generico dos Psittacidas, especialmente do genero Amazona. — Occorre em Marcgrav *Paragua*. — De *apár-agua* bico de volta ou bico adunco.

PARATY (fl. 244 v.) poisson. — *Parati*, um dos nomes dados á Tainha (*Mugil albula*, Linn.). — De *pyrá* peixe, *ti* branco.

PARGU (fl. 245 v.) poisson. — *Parú*, peixe do mar, *Peprilus paru*, Cuv. — Difficil de explicar.

PATOUÄ (fl. 283 v.) coffre. — *Patuá*. — Deve ser contracção de *patigua*, como escreveu Marcgrav. Porque era o cesto que as mulheres traziam ás costas, amarrado á cabeça, com os pertences da rêde, póde explicar-se por *hapati-guá* o que pertence á rêde ou cama, segundo Baptista Caetano.

PATOUÄ (fl. 119 v.) nom d'un Indien. (Vide o que precede.)

PATATE (fl. 229) racine. — *Batata*. Solanacea (*Solanum tuberosum*, Linn.). — Esse vegetal util foi assignalado desde os primeiros dias da conquista. Humboldt (*Essai Politique sur le Royaume de la Nouvelle Espagne*, 2ª edição, Paris, 1827, vol. II, pags. 471) refere *apud* Gomara, que Colombo após seu regresso da primeira viagem ao reino, quando compareceu perante a rainha Isabel, lhe offereceu grãos de milho, raizes de inhame e *batatas*. — Oviedo (*Historia General y Natural de las Indias*, Madrid, 1851, tomo IV, pag. 594) dá como voz do Haiti e outras comarcas.

PAY ÉTÉ (fl. 58) grand Prophete. — *Pay* padre, sacerdote, frade, e *eté* verdadeiro, legitimo. — Os guaranis tambem usavam essa expressão com significado correlato. *Pay* será talvez de origem portugueza ou espanhola; na lingua existe *tub* ou *tuba* para dizer o pae, e *abaré* homem differente, para designar o padre, sendo esse ultimo vocabulo de acquisição cultural.

PEKÉY (fl. 225) arbre. — *Pequi*, Sapindacea (*Caryocar brasiliensis*, St.-Hil.). — De *pé* casca, *qui* aspera, espinhenta.

PERO (fl. 68) c'est à dire Portugais. — *Peró*. — E' vocabulo que não pertence á lingua tupi. Entre os chronistas e historiadores do Brasil ha larga discussão quanto a sua origem. Remettemos quem pelo assumpto se interessar ao magistral artigo de Candido Mendes de Almeida (*Notas para a Historia Patria* — in *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo XLI, parte 2ª, pags. 7 usq. 141), onde o problema historico-etymologico é estudado com muita lucidez, e onde se encontra uma completa resenha bibliographica a respeito.

PICASSOU (fl. 242 v.) oyseau. — *Picaçú*, como vem em Gabriel Soares. Columbidas (*Columba plumbea*, Vieill.). — Por contracção de *pycui*, nome generico das rolas, e *açú* grande. — Especifica-se *tinga* branco.

PINARÉ (fl. 178) riviere. — *Pindaré*, de *pindá* (Vide o que segue), e *ré* diverso, differente.

PINDA (fl. 307 v.) hameçon. — *Pindá*, anzol, aquillo com que se fisga, talvez do participio de *pin* fisgar, agarrar.

PINDO (fl. 66) Palmiers. — *Pindó* ou *Pindóba*. De *pin* raspar ou alisar, e *tob* folha, que tal era seu primitivo destino. — O abrandamento do *t* em *d* é muito frequente.

PINDOTEUUE (fl. 186 v.) village... c'est à dire la place des Pindo. — *Pindotiba*, de *pindó* (Vide *Pindo*), e *tiba* em abundancia: palmeiral, palmetum.

PIRAIN (fl. 157 v.) ciseau. — *Piranha*, de *pir* pelle, *ãi* córta; tesoura, tenaz.

PIRA IUUA (fl. 157 v.) Principal. — *Piragybá*, de *pirá* peixe, *jybá* braço: braço de peixe, a barbatana. — Knivet, nas *Peregrinações*, refere-se a um principal potiguára, que denomina *Piraiuwath* em sua linguagem e traduz por espinha de peixe, *Pirajuá* ou *Piragibá* na lingua propria, o qual com os seus poz cerco em 1602 á cidade do Natal,

onde se achava Feliciano Coelho de Carvalho, capitão-mór da Parahyba, que chamou em seu soccorro Manuel de Mascarenhas; os indigenas foram desbaratados, e *Pirajuá* pediu paz e baptismo. Knivet encontrava-se na occasião em Pernambuco, para onde o transportara do Rio de Janeiro, em Agosto de 1601, Salvador Corrêa de Sá, o velho.

PIRA-PANEN (fl. 318) Estoille du soir. — *Pirá-panema*, de *pirá* peixe, *panema* escasso, falho. — Os guaranis chamavam *Pirá-pané* ao planeta Mercurio, a cuja influencia attribuiam a falta de peixe em dadas monções.

PITOM (fl. 223 v.) arbre. — *Pitomba*, Sapindacea (*Sapindus edulis*, St.-Hil.). — Difficil de explicar.

PONNARÉ (fl. 251 v.) espece d'animal. — *Punaré*, rato silvestre, dotado de grande cauda pelluda e amarellada. — Difficil de explicar.

POTIRY (fl. 241 v.) oyseau. — *Paturi*, nome dado aos Anseres, particularmente ao *Nomonyx dominicus*, Linn. — Difficil de explicar.

POTIU (fl. 318 v.) Constellation, c'est à dire Cancre, parce qu'elle est composée de plusieurs Estoilles en forme de Crabes ou Cancre de mer. — *Poti*. — Deve ser Cancer, um dos doze signos de zodiaco; *poti*, entretanto, é o nome tupi do camarão, decapodo macruro. — De *po* mão, *ti* pontuda, aguçada.

POTYIOU (fl. 70) lieu. — *Potingy* ou *Potengy*, rio, no Rio Grande do Norte. Em Marcgrav *Potiyi*. — De *poti* camarão, e *y* rio.

POUPOYH-POUPOYH (fl. 139 v.) oyseau nocturne. — Será *Pupoi-pupoi*, designação onomatopaica de alguma ave que a literatura não conservou.

POURAKÉ (fl. 246 v.) poisson. — *Poroquê, Poraquê* ou *Puraquê*, o peixe electrico (*Gymnotus electricus*, Linn.). — De *po* mão, e *roké* faz dormir, entorpece, conforme Baptista Caetano.

POUYSSA (fl. 307 v.) ret. — *Puçá*, rêde, renda, crivo, talvez participio de *pug* furar, o furado, o esburacado.

PYIAUE OUÄSSOU (fl. 247 v.) poisson. — *Piába-açú*, peixe d'agua doce, do genero Leporinus. — De *piá-bae* o que é manchado ou pintado.

PYRA COTIARE (fl. 247 v.) poisson... tout rayé de gris et de blanc. — Será *Pirá-cuatiára* peixe riscado, listado, que a nomenclatura moderna desconhece.

PYRA COUÄVE (fl. 244 v.) poisson. — *Pirá-coába*, peixe do mar, quiçá o *Polynemus americanus*, Cuv. et Val. — De *pirá* peixe, *coába*, participio de *coáub* conhecer, saber, exprimindo o sabedor, ou o astuto, como traduziu Martius (*Glossaria*).

PYRAIN (fl. 247) poisson. — *Piranha* (Pygocentrus). — *De pirá* peixe, *ãi* córta (Vide *Pirain*).

PYRA-ON (fl. 243 v.) poisson... qui est long plus de six pieds, et plus gros qu'un baril: il a les escailles toutes noires, grandes comme la main. — *Piraúna*, nome que foi substituido geralmente pelo de *Méro*, peixe do mar (*Epinephelus morio*, Licht.). — De *pirá* peixe, *úna* negro.

PYRA-PEM (fl. 244) poisson. — *Pirapema*, peixe do mar (*Megalops thrissoides*, Bl. et Sch.). — De *pirá*, peixe, *pema* chato. E' o *Camurupi*, do Maranhão para o Sul. (Vide *Camouroupouy*).

PYRA-PYNIM (fl. 247 v.) poisson... il est tout blanc sauf la teste qui est bigarrée, et la queuë toute rouge. — Será

Pirapinima, peixe pontuado, salpicado de pontos ou pintas. — O nome não mais occorre na synonymia vulgar.

PYRAUAUA (fl. 377 v.) nom d'un Indien. — *Pirababá*, que seria a restauração graphica do vocabulo, é difficil de explicar; quiçá *Pirabèbê* peixe volante ou voador.

Q

QUATTIARE-OUSSOU (fl. 184 v.) Principal... la grande lettre. — *Quatiára-uçú*, de *quatiár* riscos, desenhos, pintura, escripta, letra, e *uçú* grande.

R

RAYRY (fl. 348) village. — Póde ser *Ayry*, nome de palmeiras (*Astrocaryum airy*, Mart., sp. var.), abundantes na região. — De *uá* por *ybá* fructo, *y* agua: fructo que tem agua.

RENARY (fl. 359) nom de lieu. — Difficil de explicar, como de identificar.

RERY (fl. 204) huitre. — *Iriri*, *riri*, *reri* ou *leri*, a ostra, molusco lamellibranchio, de que se conhecem no Brasil duas especies principaes. — O nome tupi, difficil de explicar, não prevaleceu na nomenclatura zoologica; na toponymia apparece em *Leritiba*, logar na costa do Espirito-Santo, que significa ostra em abundancia, ostreira, e em *Leri*, praia no Rio de Janeiro, que nada tem que ver com Léry, o autor da *Histoire d'une voyage faict en la Terre du Brésil*. Cumpre notar que o *r* tupi sôa tão brandamente que se confunde com o *l*. — Os tamoyos acharam graça em Léry ter nome de ostra.

ROÜCAN (fl. 80 v.) une forte place. — Talvez *Suacan*, de *çoó*, animal, *acan* cabeça.

ROUCOU (fl. 208 v.) espece de teinture. — *Rucú* ou *Urucú*, o vermelhão ou achiote do Mexico (*Bixa Orellana*, Linn.).

ROURONBEUUE (fl. 187) Principal... qui signifie un arbre picquant. — Conforme á definição, seria *yú* espinho, *yba* arvore. Difficil de identificar.

S

SAGOUY (fl. 252 v.) sorte de Monnes. — *Saguí* ou *Saguim*, pequeno simio da familia Hapalidas, que comprehende os generos Midas e Callithrix. — De *eçá* olhos, *coí* que mechem, vivos, buliçosos.

SALIAN (fl. 242) oyseau. — *Seriéma*, Microdactydas (*Microdactylus cristatus*, Linn.). — Maregrav, por falta da cedilha traz *Cariama*, como está nos outros naturalistas antigos. — De *çaria* crista, *am* erguida, levantada, em pé; por intercurrencia de *Ema* se fez *Seriéma*, ou *Sariéma*, como tambem apparece algumas vezes.

SAPAIOU (fl. 252 v.) Monne... d'un poil iaunastre meslé de diverses couleurs. — *Sapajú*, macaco pequeno (*Cebus flavus*, Linn.). — De *çai* (um dos nomes dos Cebidas, que explicam por *eçá-i* olhos pequenos), *pá* todo, *yúb* amarello.

SARAPO (fl. 247 v.) poisson. — *Sarapó*, peixe d'agua doce (*Sternopygus carapo*, Linn.). — Segundo Sampaio, de *çará-pó* desprende mão, ou, o que escapa ou escorrega da mão.

SAUIA (fl. 238 v.) oyseau. — *Sabiá*, nome generico dos Turdidas. — De *haabia*, contracção de *haá-pyi-hár* aquelle que resa muito, conforme Baptista Caetano.

SAUIA (fl. 251 v.) espece d'animal. — *Sauiá*, roedor (*Mesomys ecaudatus*, Wagner). — Em Gabriel Soares *savid*.

SCATÉUM (fl. 286) c'est à dire chiches et avaritieux. — *Cecateyma*, como está nos diccionarios tupis, correspondente ao guarani *tacatey*, absoluto de *acatey*, de *acáb* brigar, *tey* sem cessar, atôa: teimoso, rusguento; mesquinho, parco, avarento.

SEICHOU (fl. 316 v.) la Poussiniere qu'ils connoissent bien. — *Eichú*, a abelha mestra, de *ei-hub* busca mel, ou pae do mel, conforme Baptista Caetano. — Por esta dicção se vê a communidade de idéas entre os tupis do Norte e seus parentes do Sul, que tambem davam o nome de *Eichú* á constellação das Pleiades ou Setestrello.

SEICHOU-IOURA (fl. 316 v.) une constellation de neuf Estoilles disposées en forme de gril laquelle leur presagie les pluies. — *Eichú-jurá* giráo da abelha.

SENENBOY (fl. 248 v.) lezarde. — *Senembí*, o lacertilio (*Iguana tuberculata*, Laur.), em algumas partes do Brasil chamado impropriamente *Camaleão*. — Occorre em Maregrav *Senemby*. — De *cér* amigo de, *nhemby* soprar, ser soprado, o papa-vento, que é tambem um de seus nomes vulgares.

SERACOUPOUYTAN (fl. 238 v.) oyseau. — Será *Saracurapuitan*, algum Rallidas. — De *çara* espiga, *cur* comer, tragar, engulir: o que come ou traga espiga; *puitan* ou *pitanga* vermelho.

SEROUÉUÉ (fl. 186 v.) Principal... c'est à dire un oyseau qui emporte son petit en l'air. — Conforme á graphia do texto será *Serobébé*, de *çoó* animal, e *bébé* que vôa, volante. — Se não se tratasse de ave, que não conseguimos identificar, poderia esse nome reportar-se com mais propriedade ao marsupio *Soriguê* ou *Saruê*. Note-se que na Historia da colonização do Norte figura um principal potiguára chamado *Cerobabé* ou *Sorobabé*, ou ainda *Zorobabé*, que no Rio Grande do Norte, por intervenção dos Pabres da Companhia de Jesus, celebrou pazes com Manuel de Mascarenhas, em 1599 e em 1602. Como não inspirasse confiança aos portuguezes, estes o levaram na expedição de 1603 para a Bahia, de onde não voltou. Nas *Memorias Diarias*, de Duarte de Albuquerque Coelho, ha um *Juru-*

babú, que Candido Mendes de Almeida pretende identificar com esse chefe potiguára.

SERYEU (fl. 186 v.) village... c'est à dire la Crabe platte, qui est une espece d'escrevice de mer. — *Seriy*, de *seri* (Vide *Siry*) e *gy* rio.

SIRY (fl. 248) cancre. — *Seri* ou *Siri*, nome generico dos crustaceos brachyuros da familia Portunidas. — De *ci-ri* liso fluir: deslisar, afastar-se, andar para traz.

SO OUÃSSOU CAË (fl. 187) Principal... qui signifie la biche boucannée. (Vide *Souássou-Caë*).

SOUÃANRAN (fl. 317) une grosse Estoille merveilleusement claire et luisante. — *Uam-rana*, de *uam* pyrilampo, vagalume (*Melacodermidas*), e *rana* similhante, parecido. — E' a estrella *Sirius*, a mais clara e resplandescente do firmamento.

SOUÃSSOU (fl. 249) Cerf, Chevreul. — *Suaçú*, nome com que designavam o veado, tambem applicado á cabra e carneiro com algum qualificativo. — De *çoó* animal, em geral, a caça, e *açú* grande; o veado, que era a caça por excellencia.

SOUÃSSOU-AKAN (fl. 182) Principal... qui signifie la teste de biche. — *Suaçú-acan*, de *çoó-açú* veado, *acan* cabeça, como no texto.

SOUÃSSOU APAR (fl. 249) Cerf.—*Suaçú-apára*, o veado galheiro (*Blastocerus paludosus*, Desm.). — De *çoó-açú*, o veado, e *apár* vergado, curvo, de referencia á armação.

SOUÃSSOUÃRAN (fl. 251 v.) espece de Leopard. — *Suçuarana* ou *Suaçurana*, o felino (*Felis concolor*, Linn.). — De *çoó-açú* caça grande, o veado, e *rana* similhante, parecido.

SOUÄSSOU CAÉ (fl. 186 v.) Principal... qui signifie la biche boucannée. — *Suaçú-caen*, de *çoó-açú* veado, *caen* secco, ou assado a fogo lento sôbre grelhas.

SOU OUÄSSOU AC (fl. 140) nom d'un Indien. (Vide o que segue.)

SOU OUÄSSOU AC (fl. 143) qui signifie un Cerf à corne, ou Cerf cornu. — *Suaçú-áca*, de *çoó-açú* veado, *áca* corno, chifre, ponta: côrno de veado seria o nome do indio de folhas 140, e não veado de corno ou cornudo, como quer o texto.

SOUROUUY (fl. 247) poisson. — *Surubí* ou *Surubim*, nome que designa duas especies de peixes d'agua doce, pertencentes á familia Siluridas. — De *çurú-bi* pelle lisa, ou de escorregar, conforme Baptista Caetano. Aliás *surubi* inclue a idéa de pintado, ou salpicado de pintas: *boi surubi;* mas neste sentido nada vem nos diccionarios.

SYMBIARE RAIEUBOIRE (fl. 316 v.) une constellation disposée comme les machoires d'un cheval ou d'une vache, laquelle est pluvieuse... c'est à dire machoire. — Devem estar assás alterados estes dois vocabulos; seguindo approximadamente o texto, teriamos *tenibaba* ou *tinoaba* queixada, mandibula inferior, por *symbiare*, e *rapichára* similhante, que se parece, em vez de *raieuboire*. Mas os termos de C. d'Abbeville se afastam tanto dos que indicamos, que só o fazemos *sub reserva*, embora se não encontrem no tupi outros que melhor correspondam á interpretação do texto.

T

TABACOURA (fl. 274) iartieres. — *Tapacurá*, ligas, cenojiles, occorre no *Tesoro*, mas não lhe achamos explicação. C. d'Abbeville diz que as usavam os homens e as raparigas, sendo as destas feitas de fios de algodão, sem mais ornatos, como as daquelles. E isto é que difficulta a explicação, porque, se fossem postas sómente nas donzellas nubeis,

conforme era costume nas tribus tupis do Sul, seria aceitavel o étymo de Baptista Caetano, por *ta* ou *tari-pe-có* em estado de se tomar, e *rá* signal, marca.

TABAIARES (fl. 158 v.) Indiens. — *Tabajáras*, de *taba* aldeia, *yára* senhor: os senhores das aldeias, os aldeões. — *Tobayára*, que occorre em outros autores, significa o que está na frente, fronteiro, extrangeiro, advena, inimigo.

TABOUCOUROU (fl. 175) riviere. — *Itapecurú*, na toponymia actual. Nas chronicas e mappas antigos se escreve variamente: *Tapocurú*, *Tapucurú*, *Itapocurú*, *Itapucurú*, *Itapicurú*, etc. Essa diversidade de graphias difficulta sobremodo a explicação etymologica do vocabulo. Muitos são os étymos que se encontram nos autores, desde Frei Francisco dos Prazeres Maranhão, Martius, Henriques Leal e Candido Mendes; mas nenhum delles é aceitavel. — Parece-nos, considerando a fórma actual como a verdadeira, que se póde derivar o nome de *itapé* pedra chata, lage, e *curú* cascalho, seixo, exprimindo seixos de lage, tanto mais admissivel quando se sabe que o rio apresenta em sua fóz e ao longo de seu curso trechos pedregosos e encachoeirados, onde é natural a occurrencia de fragmentos de schisto, que têm aquellas denominações vulgares.

TABOUCOUROU EUGOUÄRE (fl. 261) les habitans de Taboucourou. — *Itapecurú-guára*, de Itapecurú (Vide *Taboucourou*), e *guára* morador, habitante.

TACOUÄRT (fl. 289) sorte de fleche. — *Taquára*, nome generico das Bambusaceas e Arundinaceas. — De *taquár* o furado, o ôco. Considerando, porêm, o uso que lhe davam como pontas de flechas, póde-se admittir o étymo de Baptista Caetano, de *t-aqua-r* o que tem ou dá pontas.

TAEUOUÄIO (fl. 188) village... c'est à dire le fruict noir. — Impossivel de explicar com a definição do texto.

TAIA OUÄSSOU (fl. 229 v.) racine. — *Tayabuçú*, o inhame (Colocasia).— De *táya*, absoluto de *ái*, acido, acre, e *á*, suffixo que diz feito de, formado de, consistente de, e *buçú* grande. — O nome *táya* é dado a varios Caladiums e Colocasias.

TAIAPOUAN (fl. 185) Principal... c'est à dire une grosse racine. — *Tayapuam*, de *táya* (Vide o que precede) e *apuam* redondo.

TAKER (fl. 228 v.) plante (Vide *Kaker*).

TAMANDOUÄ (fl. 249 v.) espece d'animal. — *Tamanduá*, nome dos desdentados da familia Myrmecophagidas, de que se conhecem no Brasil tres especies. — De *tá*, contracção de *taci* formiga, e *monduar* caçar. Baptista Caetano acha difficil admittir a contracção de *taci* em *tá*, tanto mais quanto directamente se tem *taci-guára* comedor de formigas, e aventa a possibilidade de *tama* de pêllos, e *uguai* cauda, facil de mudar em *nduai*. Sampaio diz que *tã* é radical de muitos nomes designando insectos, formigas, etc.

TAMANDOUÄY (fl. 188) Principal... qui signifie l'Elephãt. — *Tamanduá-í*, o desdentado (*Myrmecophaga didactyla nt-color*, Linn.). — De *tamanduá* (Vide o que precede) e *i* pequeno.

TAMATIAN (fl. 241) oyseau. — *Tamatiá*, Ardeidas (*Cancroma cochlearia*, Linn.). — Deve ser alteração de *timatiái* o que tem bico de gancho.

TAMANO (fl. 183) Principal... c'est à dire pierre morte. — Seria *itá-manó*, se *manó*, em vez de verbo intransitivo morrer, ficar morto, fosse participio, ou adjectivo, que qualificasse *itá* pedra. Não sendo assim, é inaceitavel a interpretação do texto.

TAMARY (fl. 252 v.) espece de monne. — Nome que não se encontra na nomenclatura zoologica, por isso mesmo impossivel de identificar, como de explicar.

TAMOATA (fl. 247 v.) poisson. — *Tamoatá*, nome commum aos peixes da familia Callichthydas. — Explica-se variamente; preferivel, como o nome tambem occorre sob a fórma *camboatá*, por *caábo o-atá* o que anda pelo mato, porque esses peixes, dotados de fachos papillosos ricamente vasculares, que lhes servem para a respiração, podem perambular livremente por terra, quando pretendem mudar de aguas.

TANGARA (fl. 365) nom d'un Indien... c'est à dire l'escaille d'huitre. — *Tangará* por *tambacará*, de *tambá* ostra, mexilhão, e *cará* casca.

TAOUÄTO (fl. 233) oyseau de proye. — *Tauató*, nome generico dos gaviões (Falconidas), que especificam: *i* pequeno, *oby* de côr cinzenta, *yúb* de côr amarella, *pitan* de côr vermelha, *pará* variegado, etc. — Em Gabriel Soares *Tóató*.

TAPEROUSSOU (fl. 184 v.) village... c'est à dire le grand vieil village. — *Taperuçú*, da *tapera*, contracção de *tába* aldeia, e *péra*, suffixo nominal, exprimindo a aldeia que foi, aldeia extincta ou abandonada, e *uçú* grande, conforme á definição do texto.

TAPITY (fl. 251) espece d'animal. — *Tapeti*, o coelho silvestre, roedor (*Lepus brasiliensis*, Briss.). Sem explicação.

TAPITY (fl. 319) constellation... c'est à dire lievre, d'autant qu'elle contient plusieurs Estoilles en forme d'un Lievre, aucunes desquelles sont disposées en maniere de longues aureilles au dessus de la teste. — *Tapeti* (Vide o que precede). — Quiçá a constellação da Lebre.

TAPOUY (fl. 131) Indiens. — *Tapuya*, que explicam variamente. Preferimos a interpretação de Burton, na introducção ao *The Captivity of Hans Stade*, pags. LXX, nota: de *tába* aldeia e *puya* fugir, isto é, os que fogem das aldeias, barbaros, selvagens, inimigos.

TAPOUYTAPERE (fl. 157 v.) nom de lieu... qui est aussi le nom de toute la Province, signifiant la veille demeure des *Tapouys*. — *Tapuytapéra*, de *tapuy* o barbaro, o gentio, e *tapéra* (Vide *Taperoussou*). — *Tapuytapéra* é a actual Alcantara.

TAPOUYTIN (fl. 298 v.) Les Anglais appellez... par les Maragnans. — *Tapuytinga* barbaro branco. — Nos diccionarios tupis de origem lusa *tapuytinga* é o francez.

TAPOUY TININGUE (fl. 187) village qui veut dire le long cheveux sec. — De accordo com o definição do texto, seria *ábatining*, de *ába* cabello, e *tining* secco. — Deve haver alli erro de escripta.

TAPYROUSSOU (fl. 209) vache brague. — *Tapiruçú*, a anta grande, vacca, boi, gado bovino.

TAPY TOUSSOU (fl. 156) village. — *Tapituçú*, que é variante orthographica do que precede.

TAPYYRE-ÉTÉ (fl. 250) Vaches braves ou Vaches sauvages. — *Tapira-eté* a anta (*Tapirus americanus*, Briss.). — O nome é susceptivel de varias explicações, mas nenhuma satisfactoria; o suffixo *eté* verdadeiro, legitimo, serve para differençar aquelle ungulado dos bovinos, que os tupis só conheceram depois do contacto europeu.

TAPYYRE-ÉUIRE (fl. 184) Principal...c'est à dire la fesse de vache. — Será *Tapira-ebi*, accórde com a interpretação do texto.

TARA-GOUY-BOY (fl. 253 v.) espece de Lesard. — Talvez *Taraguy-bói*; mas, de conformidade com a descripção do texto, será *Taraguyra*, nome de um Iguanidas (*Tropidurus torquatus*, Wied). — O vocabulo *Taraguyra*, que nos diccionarios tupis significa lagartixa em geral, é difficil de explicar; para Baptista Caetano talvez se possa reportar a *tab-ri-coi* que mora na aldeia.

TAREHUBOY (fl. 253 v.) espece de serpent. — Talvez *Trahira-boi*. — Martius (*Glossaria*) menciona *Tarauyraboya*, e indaga: Anguillae sp. ? (Vide *Tarehure*, nome de um peixe); *mbói* cobra.

TAREHURE (fl. 247) poisson. — *Trahira*, peixe d'agua doce (*Erythrinus tareira*, Cuv.). *Tareira*, em Gabriel Soares; *Taraira*, em Marcgrav. — De *ta-reyi* arranca pêllo, segundo Baptista Caetano.

TASSUE (fl. 256) fourmis fort et de couleur rougeastre. — *Taciba* (*Myrmica saevissima*, Bates). — De *taci* cortar, ferir, picar, e *ba* por *bae*, suffixo do participio activo: a que córta, ou fére, a cortadeira. *Taci* é nome generico da formiga na lingua tupi.

TATA ENDEUH (fl. 319 v.) grande Estoille brillante... c'est à dire le feu enflambé. — *Tata-rendy* luzir de fogo, facho, tócha, luminária.

TATA-OUASSOU (fl. 183 v.) Principal... c'est à dire le grand feu. — *Tatá-guaçú*, com a significação do texto.

TATA OUYRA MIRY (fl. 238 v.) oyseau. — Será *Tatá-guirá-mirim*, passaro pequeno de fogo, ou côr de fogo, por sua plumagem rubra, algum Cotingidas, quiçá o *Phoenicocercus carnifex*, Linn.

TATA OUYRA OUÄSSOU (fl. 239) oyseau. — Será *Tatá-guirá-açú*, passaro grande de fogo, ou côr de fogo, por sua plumagem rubra.

TATOU (fl. 96 v.) espece d'animal. — *Tatú*, nome generico dos Dasypodidas, que especificam: *i* pequeno, *guaçú* grande, *eté* verdadeiro, *péba* chato, *apára* arqueado, vergado, etc. — De *ta* casca, ou casco e *tú* encorpado, denso.

TATOU OUÄSSOU (fl. 184) Principal... c'est à dire le grand Tatou. — *Tatú-guaçú* (Dasypus), como no texto.

TAUAPIAB (fl. 188) village... c'est à dire le village caché. — Será *Tabapiába* aldeia afastada, apartada, translatamente escondida, como quer o texto.

TAÜÄYUE (fl. 293 v.) c'est à dire un homme belliqueux, vaillant. — Talvez *tayyaib* activo, diligente.

TAUE (fl. 181 v.) le village. — *Taba*, de *tab* aldeia, povoação, o logar onde pousam muitos.

TAUE AUÄETÉ (fl. 97 v.) nom d'une Indienne. — Será *Taba-abaetê* da aldeia homem verdadeiro, — algum virago quiçá.

TAYÄSSOU (fl. 249) sanglier. — *Taiaçú*, ou *Caitetú*, o ungulado (*Dicotyles torquatus*, Cuv.). De *tâi* dente, *açú* grande, ou grosso.

TAYÄSSOU (fl. 184) Principal. (Vide o que precede).

TAYÄSSOU-ÉTÉ (fl. 249 v.) sanglier. — *Taiaçú-eté*, o ungulado (*Dicotyles labiatus*, Cuv.). — De *taiaçú*, quod vide, e *eté* verdadeiro, legitimo.

TAYCOUÏOU (fl. 183 v.) Principal... qui est le nom d'un petit oyseau. — Será *Taicujú*, conforme á graphia; difficil de explicar, como de identificar a avezinha a que se refere.

TECOUÄRE OUBOUIH (fl. 106) nom d'un Indien. — *Taquára-oby* taquára verde. A's folhas 183 v. vem o significado de fluxo de sangue, que não tem explicação.

TEIOU OUÄSSOU (fl. 248 v.) lezard. — *Tejuaçú*, lacertilio (*Tupinambis teguixin*, Linn.). — De *tey* da tropa, da gentalha, *ú* comida, *açú* grande.

TERERE (fl. 184) Principal... c'est à dire le nom. — *Téra* ou *céra*, o nome, como no texto.

TETANÄTOU (fl. 293 v.) c'est à dire un homme belliqueux, vaillant. — Talvez *tetecatú*, de *teté* corpo, *catú* bom, forte, rijo; o forçudo, valido, valente.

TIMBOHU (fl. 120 v.) nom de lieu. — *Timbohy*, de *timbó*, o vegetal (*Paullinia pinnata*, Linn.), e *y* rio.

TINGASSOU (fl. 317) Estoille... laquelle est comme la messagere ou avancouriere de laditte Poussiniere, paroissant toutjours dessus leur orizon environ quinze jours avant icelle. — *Tingaçú* ave da familia das Cuculidas (*Piaya cayana*, Linn.). — De *ti* bico, e *açú* grande.

TINMOCOU OUÄSSOU (fl. 246) poisson. — *Timucú*, peixe do mar (*Tylosurus timucu*, Walb.). Em Marcgrav *Timbucú*, que os portuguezes chamavam *Peixe-agulha*. — De *ti* nariz, bico, focinho, e *mucú*, *bucú* ou *pucú*, comprido, longo. — Com o qualificativo *guaçú* não é usado.

TOCOUÄRT (fl. 85) qui est une sorte de flesche. (Vide *Tacouärt*).

TOKAI-OUSSOU (fl. 185) Principal... qui signifie le grand poullailler. — E' palavra mal graphada; ás folhas 283 v. está com a mesma significação, *Ouyraro Kay*, de que *Tokay* é simples alteração das duas ultimas syllabas; *uçú* grande. (Vide *Ouyraro Kay*).

TON (fl. 256) sorte de vermine. — *Tunga*, nigua ou bicho de pé (*Sarcopsylla penetrans*, Linn.). Léry escreveu *Tou*; Hans Staden *Attun*; Y. d'Evreux *Thon*. — Talvez de *tung*, participio de *ú* comer: o que come. Este verbo inclue a significação de ferir, punçar, pungir, prurir, coçar, etc.

TOPYNAMBA (fl. 61 *et passim*) Indiens et sauvages. — *Tupinambá*. — Dos escriptores antigos o que mais se approximou da graphia tupi desse nome, entre os extrangeiros, foi C. d'Abbeville. Léry escreveu *Toüoupinambaoult*; Hans Staden *Tuppinambas*; Y. d'Evreux *Tapinambos*, etc. — O vocabulo tem sido explicado diversamente. Burton, na introducção ao *The Captivity of Hans Stade*, faz derivar o nome de *tupi-anama-aba* "people related to *Tupis*"; Sampaio, de *tupi-nã-mbá*, descendentes dos tupis. Qualquer das duas interpretações é satisfactoria tanto etymologica como ethnographicamente.

TOROIÉPÉEP (fl. 183 v.) Principal... c'est à dire se chausser. — Talvez, por mal graphada, esta dicção não possa ter explicação plausivel, mais ainda com a traducção do texto. Qualquer restauração graphica seria hypothetica.

TOROOUP (fl. 95 v.) village. — Talvez *Turú*. D'Evreux dá *Troou*. Laet copiou exactamente d'Abbeville, mas Bettendorf leu em sua relação *Torou ope*, que opinou ser *Turuypé*. — O nome *turú* é dado a animaes aquaticos, vermes, etc., e póde reportar-se, segundo Baptista Caetano, a *toó-rú* devora ou queima carne.

TOROOUPÉ (fl. 184 v.) village... le breuvage. — Talvez *Turupe*, de *turú* (Vide o que precede), e *pe*, locativa, em, nos, exprimindo *nos turús*. — Em Laet, que copiou C. d'Abbeville, está *Toroiepeep*, que Bettendorf leu *Toroiepeeb* e não entendeu, salvo se quizesse dizer *Turuypé*, que se appro-

xima da fórma que demos. — A explicação do texto é inadmissivel.

Toucan (fl. 237 v.) oyseau. — *Tucano*, nome commum a diversas aves da familia dos Rhamphastidas. — Thevet, *Les Singularitez*, fl. 91, foi o primeiro a descrever a ave e a dar o nome indigena. — De *tu* por *ti* bico, *cang* osseo, conforme Baptista Caetano.

Toucoma-Ouässou (fl. 188 v.) Principal... nom d'un fruict. — *Tucumã-guaçú*, palmeira (*Astrocaryum Princeps*, Barb. Rodr.). — De *tu-cú* espinho alongado (nome de varias palmeiras espinhentas), e *á* fructo, *guaçú* grande.

Toucon-vue (fl. 222 v.) palmier... remplies de longues pointes et espines aussi bien que le tronc de l'arbre qui en est environné. — *Tucamã*, a palmeira (*Astrocaryum tucuma*, Mart.). *Tucum*, de *tu-cú* espinho alongado, *á* fructo. — Conforme ao texto, seria *yba* ou *uba* arvore.

Toucon-vue (fl. 319) Estoille... d'autant qu'elle ressemble au *Toucon*, qui est un fruict du *Toucon-vue*. (Vide *Toucon-vue*).—

Touin (fl. 235) perroquet. — *Tuí* ou *Tuim*, nome dos Psittacidas pequenos, abrangendo no Brasil todo o genero Brotogeris, que especificam: *mirim* pequeno, *açú* grande, *eté* verdadeiro, *pará* variegado, etc. — Se não fôr onomatopaico, poderá derivar de *tu* por *ti* bico, e *i* pequeno, que é caracteristico da ave.

Touiouiouch (fl. 241 v.) oyseau. — *Tuyuyú* ou *Tujujú*, Ciconiidas (*Tantalus americanus*, Linn.). — De *tu* por *ti* bico. *yu-yú* (frequentativo) muito amarello.

Toupan (fl. 65 *et passim*) dieu. — *Tupã*, que entre as várias explicações contidas nos autores comporta a de *tub-am*

pae alto, elevado, — accórde com as idéas que desde cêdo introduzira a catechése.

TOUPAN-REMINIOGNAN (fl. 322 v.) c'est à dire Dieu faict cela. — *Tupã-remi-monháng* Deus o que fazer, Deus fez isto.

TOURY (fl. 324 v.) riviere. — *Tury*, difficil de explicar. E' tambem o nome de uma Rosacea (*Licania turiuva*, Cham. et Schlecht.).

TREMEMBEZ (fl. 189) Indiens. — *Tremembés*, indigenas que habitavam o litoral do Norte, desde a fóz do rio Camocim até a ilha do Maranhão, e que foram destruidos em 1679 pela expedição ao mando do mamaluco Vital Maciel Parente, filho natural de Bento Maciel Parente, o qual tinha o posto de capitão-mór. — Berredo, nos *Annaes Historicos*, chama-os *Taramambases*; Baena, no *Compendio das Eras*, dá-lhes o nome de *Taramambezes*; mas a designação seria em principio *Tirimembés* (de que C. d'Abbeville fez *Tremembez*) contracção de *tyriri-membé* agua ou liquido que se escôa mollemente, designando o local embrejado, ou encharcado, como era o *habitat* da tribu, conforme plausivelmente explica Sampaio.

TUPOY OUSSOU (fl. 184 v.) Principal... c'est à dire l'escharpe en laquelle les femmes portent leurs enfans au col. — *Tipóia-uçú*. — Querem alguns que *tipóia* seja palavra africana, usada nas tribus de Angola; note-se, entretanto, que Hans Staden, sem o menor conhecimento de cousas da Africa, ouviu no Brasil *Typpoy*, como escreveu. — Para Baptista Caetano, *tupói*, *tupái* ou *tipói*, literalmente, o que pende das coxas, é roupa pendente, rêde de cobrir, etc.; *uçú* grande.

TUPUTAPOUCOU (fl. 82) Principal. — *Tipitapucú*, ou *Tuputapucú*. — Difficil de explicar. Talvez o thema seja *tipiti* prensa para espremer o caldo da mandióca, talvez *tepitá*

ânus, sêsso, um e outro qualificado por *pucú* comprido, longo, dilatado. — Note-se que as alcunhas individuaes eram quanto podia haver de arbitrario.

TURURUGOIRE (fl. 258) espece de vers... qui percent les navires & vaisseaux. — *Apud* Varnhagen (*Breves commentarios ao "Tratado Descriptivo do Brasil"*, de Gabriel Soares, — seria *terigóa*, um diptero que não conseguimos identificar. Os lexicos portuguezes trazem *teri de Góa*, especie de formiga, que certo não é o insecto de que se trata.

TUYVAË (fl. 318 v.) constellation... composée de plusieurs Estoilles disposées en maniere d'un vieil homme tenant un baston à la main. — *Tuibaé* velho, ancião.

TYMBOHU (fl. 143 v.) nom de lieu. (Vide *Timbohu*).

U

VNAÜ (fl. 252) animal fort monstrueux... animal de peresse, — *Unáu*, Bradypodidas (*Cholœpus dadictylus*, Linn.). — Em Marcgrav *Vnau*. — Parece onomatopaico. — E' nome em desuso na nomenclatura zoologica brasileira, onde foi substituido por *Aî*.

VNAÜ OUÄSSOU (fl. 252) animal monstrueux. — *Unáu-açú* (Vide *Vnaü*). Com o qualificativo *açú* grande, não se conhece nenhum Bradypoda na nomenclatura zoologica vulgar.

VPAON MIRY (fl. 57) islette. — *Ypaun-mirim* ilha pequena. E' a actual ilha de Sant'Anna, que, segundo C. d'Abbeville (fl. 59 v.), foi assim denominada pelo senhor de Rasilly por haver ahi aportado no dia da festa daquella santa; por causa da condessa de Soissons, que se chamava Anna

e era parenta de Rasilly, informa Y. d'Evreux, circumstancia esta ultima que o nosso autor omitte.

VPEC (fl. 139) oye sauvage. — *Upéca* vem em Gabriel Soares; actual *ipéca*, nome do pato *Anas vituata*, Linn., e de outras aves nadadoras; de *y* agua, *péc* bater: bate a agua, nadador.

VSENPOPOUYTAN (fl. 230) racine. — Deve ser *cepô-puitan* raiz vermelha.

VSSA-ÉTÉ (fl. 255 v.) fourmis gros comme le bout du petit doigt qui ont des aisles et volent par troupes. — *Içá* é a femea da *Saúba* ou *Saúva*, formiga da familia Attidas (*Atta cephalotes*, Mayr). — Em certa época do anno, as *içás* virgens sáem dos formigueiros, aos bandos, a voar, para a cópula com os machos. — Com o qualificativo *eté* não se conhece mais.

VSSA-OUUE (fl. 255 v.) fourmis communs qui nichent dans des grosses mottes de terre qu'ils amassent. — *Saúba* ou *Saúva* (Vide o que precede). — De *içá* formiga, *yb* guia, chefe, principal.

VUA CAUE (fl. 223 v.) arbre. — *Ubacába*, uma Myrtacea. — Gabriel Soares menciona. — De *ybá* fructo, *cába* que fere ou pica. Os fructos, apezar de comestiveis, são adstrigentes.

VUA-ÉEN (fl. 228 v.) sorte de Melon plus gros que la teste, tout verds par dehors & tout massifs par dedans: sa chair est blanche entremeslée de graines noires remplie de suc très doux et agréable. — *Yá-eém* cabaça ou fructa doce, a melancia (*Cucurbita citrullus*, Linn.).

VUA MEMBEC (fl. 222 v.) Será *Ybamembéca*, de *ybá* fructo, *membéca*, molle, tenro.

VUA-OUÄSSOURAN (fl. 222 v.) arbre. — *Será Ybaguaçurana*, de *ybá* fructo, *guaçú* grande, *rana* similhante, parecido, falso ou espurio.

VUA PIRUP (fl. 224 v.) arbre fort haut & tout piquant. — *Guabiróba*, Myrtacea (*Abbevillea maschalantha*, Berg.). — De *guabi* ao comer, *róh* amargo.

VUA-VYIOU (fl. 224 v.) arbre. — *Guabijú*, Myrtacea (*Eugenia guabiju*, Mart.). — De *guabi* ao comer-se, *yú* amarello.

X

XÉ (fl. 283 v.) couteau. (Vide *Kessé*).

XEROUROU (fl. 204 v.) moule. — *Sururú*, mollusco lamellibranchio marinho (*Mytilus perna*, Linn.). — De *çoó* carne, polpa, miollo, e *rurú* inchado, mucilaginoso, édulo, porque era alimento preferido pelo indigena; nos sambaquis occorrem em abundancia conchas bivalvas desse mollusco.

Y

YABICHA (fl. 224) arbre... semblable au prunier: il a les fleurs iaulnes & le fruict comme les grosses prunes & tout iaune. — *Grumixama*, Myrtacea (*Stenocalyx brasiliensis*, Berg.). — Antigo *Guamixá*, *Gumixá*, etc. — De *guabi* ou *guami* ao comer-se, *çam* pegar, fazer liga: o que péga ao comer-se, alludindo ao fructo mucilaginoso que segura aos labios quando se come.

YACARANDA (fl. 223) arbre. — *Jacarandá*, nome commum a algumas arvores da familia das Leguminosas, divisão Papilionacea, das quaes a mais conhecida é o *Machærium incorruptibile*, Fr. Allemão, et Mart., *legale*, Benth. — De *y-acan-ratã* o que tem o miolo ou cerne duro. — E'

notavel que o autor, tendo-se referido ás folhas, flores e fructos desse vegetal, não alludisse ás suas principaes qualidades.

YACARÉ (fl. 248 v.) crocodille. — *Jacaré*, nome dos Emydosaurios, que no Brasil pertencem ao genero Caiman. — De *y-echá-caré* o que olha torto, ou de banda, conforme Sampaio.

YACONDA (fl. 247) poisson. — *Jacundá*, nome commum a diversos peixes de agua doce da familia Cichlidas, genero Crenicichla. — De *ya-cundá* o que é torto, retorcido, ou revirado.

YANDAY (fl. 318 v.) certaine Estoille laquelle paroist toute rouge... lors que le Soleil se couche. — *Janddia*. (Vide *Yendi-oussou*).

YANDOU (fl. 242) oyseau. — *Nhandú*. Rheidas (*Rhea americana*, Linn.). — De *nhã* corre, *tu* estrepitante; ou alteração de *nhan* de correr, *ub* perna: a corredoura, a que corre muito.

YANDOU-ÃUE (fl. 275) grands panaches... faicts des plus grandes plumes d'Autruche & autres grands Oiseaux dont ils se parent le derriere, les pendant avec quelque ceinture autour de leurs reins ou par le travers de leurs espaules avec quelque cordon en guise d'escharpe. — Será *nhanduaba*, de *nhandú*, a ema, e *aba* plumas, significando o cocar, o pennacho, como se diz no texto. — Note-se que Martius (*Glossaria*) traz singularmente *enduapé* tanga de plumas d'Ema.

YANDOUTIN (fl. 319) c'est à dire l'Autruche blanche... constellation contenant quelques Estoilles fort grandes & tres luysantes; & parce qu'elle en a plusieurs en forme d'un bec, les *Maragnans* feignent & disent qu'elle veut

manger deux autres Estoilles. — *Nhandutin*, de *nhandú* (Vide *Yandou*), e *tin* branco, conforme com o texto. — Deve ser a constellação dos Gemeos, que correspondia ao terceiro signo do zodiaco antes de ser deslocada pela precessão dos equinoxios, e que contém duas estrellas notaveis, Castor e Pollux, ás quaes deve a denominação. (Vide *Ouyra Oupia*).

YÄPOUYKAN (fl. 318) Estoille qui se leve toujours devant le Soleil... c'est à dire Estoille assize en sa place. — Difficil de interpretar esta dicção, e só dubitativamente podemos explica-la, de accordo com a definição do texto, por *y* (demonstrativo: o que, aquelle que), *apy* sentar-se, estar assente, e *hequáb* logar delle: o que está assente no seu logar. — Talvez o planeta Venus, conforme á descripção do texto.

YAPYEUUE (fl. 188 v.) village... qui signifie l'arbre de l'oyseau. — Será *japi-yba*, de *japi*, o Icteridas (*Cassicus cela*, Linn.), e *yba* arvore, como no texto se explica.

YARAMMACAROU (fl. 228) plante fort monstrueuse & bigearre, plus grosse beaucoup que la cuisse, haute de dix ou douze pieds, ayãt cinq ou six branches qui sont presque de mesme grosseur iusque au bout. — *Jaramacarú*, *Jamacarú*, ou *Mandacarú*, Cactacea (*Cereus peruvianus*, Mill.). — De *ya* (demonstrativo: o que tem), *má* por *ybá* fructo, e *carú* comestivel: ò que tem fructo comestivel, édulo.

YASEUH-POUYTON (fl. 320) Eclipse de la Lune... c'est à dire la nuict de la Lune. — *Jacy-pytúna*, com a significação do texto.

YASEUH TATA OUÉ (fl. 319) Estoille extremement brillante. — *Jacy-tatá-opé* estrella, ou lua, que allumia.

YÄSSATIN (fl. 318 v.) Constellation de sept Estoilles en forme d'un oiseau. — Talvez *Jabacatim*, que está em Gabriel Soares; nome antigo de uma ave da familia Ciconidas.

YÄSSEUH (fl. 316 v.) la Lune. — *Jacy*, de *yá* fructo, e *cy* mãe: mãe dos fructos. — Na mythologia tupica a *Jacy* coube a missão de crear os vegetaes, ou os fructos. — Significa tambem mez.

YÄSSEUH-TATA (fl. 316 v.) les Estoilles en general. — *Jacy-tatá*, de *Jacy* (Vide o que precede), e *tatá* scintillante, estrella ou estrellas.

YÄSSEUHTATA OUÄSSOU (fl. 318) Estoille du jour. — *Jacy-tatá*, como no precedente, e *guaçú* grande.

YATA-VUA (fl. 225 v.) arbre. — *Jatahy* ou *Jatahyba*, nos autores antigos. Leguminosa (*Hymenœa courbaril*, Linn.). — De *y-ãtã-yb*, arvore de agua dura, ou de resina. (Vide *Ioutay*). Segundo Martius (*Glossaria*): "E resina harum arborum Indi formant cylindros (*botoque*) ornamenti causa in labus et auriculis gestandos".

YAÜEBOUYRE (fl. 244 v.) poisson plat assez semblable à la Raye. — Será *Jabebyr*, nome generico das raias, que se explica por *y-apé-byr* o que tem pelle estufada, encaroçada, empolada. — *Jabybyra*, no *Diccionario Portuguez e Brasiliano*, vem como *Raia* peixe.

YENDAY OUSSOU (fl. 233 v.) oyseau... espece de Perroquet. — *Jandáia* ou *Nhandáia*, nome commum a Psittacidas do genero Conurus; com o designativo *açú* ou *uçú* não se conhece mais nenhum individuo na actual nomenclatura ornithologica vulgar. — De *nheê* falar, *ai* mal, ou muito. conforme Baptista Caetano.

YETEUCH (fl. 229) racine. — *Jetica*, a batata (*Batatas edulis*, De Cand.). — Thevet, nas *Singularitez*, escreveu *uetich*;

Léry *hetich*; Marcgrav *getyca*. — De *yetic* a fincada, a enterrada.

YETINGUE (fl. 255 v.) espece de moucheron. — *Nhitinga*, em Gabriel Soares, que os descreve como "muito pequenos e da feição das moscas; os quaes não mordem, mas são muito enfadonhos, porque se põem nos olhos, nos narizes; e não deixam dormir de dia no campo, se não faz vento. Estes são amigos das chagas, e chupam-lhe a peçonha que tem; e se se vão pôr em qualquer cossadura de pessôa sã, deixam-lhe a peçonha nella, do que se vem muitas pessôas encher de boubas. Estes mosquitos seguem sempre em bandos as indias que andam núas, mórmente quando andam sujas do seu costume." — Marcgrav traz *ietinga*. — Difficil de explicar.

YNAIA (fl. 221 v.) palmier. — *Inajá*, a palmeira (*Maximiliana regia*, Mart.), assim chamada no Pará e Maranhão, e *Indaiá* em outras regiões. — De *ini* rêde, maca, e tambem linha, o fio, e *yá* fructo: fructo de fio ou fibra, como é o côco dessa plmeira.

YNI (fl. 283) lit de cotton. — *Ini* rêde, maca.

YPOCHU IEROPARY (fl. 324) c'est à dire *Ieropary* est meschant. — *Ypochi Jurupari*, com a traducção do texto. — *Pochi*, além de máu, ruim, etc., significa tambem feio, sujo, immundo.

II

TRECHOS TUPIS

Da *Histoire* de Abbeville são os trechos a seguir, que vão com traducção interlinear, em que, com indicação de folhas do livro de que proveem, dou na primeira linha o tupi do autor, na segunda o tupi restaurado á fórma por que o grapharam portuguezes e espanhóes, e ultimamente a versão termo a termo. A traducção corrente vai após cada um, quando se faz necessaria, bem como algumas ligeiras notas, que julguei de utilidade juntar:

Fl. 99:

Eré Ioupé Pay, eréycobépé.
Erê-júr pe Pay, ereicóbepé.
Tu viéste, Padre? estás tu bem?

Nota — Era esta a fórma de saudação commum aos povos da familia tupi. Todos os escriptores fazem della menção.

Fl. III. v.:

Arobiar Toupan	Pay.	Arobiar Toupan	Touue,	Arobiar	Toupan	Raheyre,
Arobiár Tupã	Pay.	Arobiár Tupã	Tûba,	Arobiár	Tupã	Rayra,
Creio em Deus	*Padre.*	*Creio em Deus*	*Pae,*	*Creio em Deus*		*Filho,*

Arobiar Toupan S. Esprit, Chemoiässouch yépé Pay.
Arobiár Tupã Espirito Santo, Che mbo-jaçúc iepé Pay.
Creio em Deus *Espirito Santo,* *Me fazer lavar* *a mim* *Padre.*

Nota — O verbo *jaçúc* significa lavar ou banhar; por extensão, e por necessidade da catechése, alcançou a accepção de baptisar.

Fl. 133, v.:

Pay omano,	omano Pay yman.
Pay omanô,	omanô Pay umán.
O Padre morreu,	*morreu o Padre já.*

Fl. 298:

Tapouytin	ypochu	scatéum	atoupaué.
Tapuytinga	ypuchi	cecatéyma	.....
Inimigos brancos	*máus*	*avarentos*	.....

Traducção corrente:

Os inimigos brancos (os inglezes, no caso) são máus e avarentos.

Nota — A dição *atoupaué*, além de indecifravel, não faz falta ao sentido da phrase, accórde com a traducção franceza do texto.

Fl. 312:

Caraybes Osapoukay Teigné terre, terre. Euuac con Assoupigné.
Carayba oçapucái tenhé terra, terra. Ybac úna çupí.
Francezes gritam debalde: terra, terra! Céo negro na verdade.

Traducção corrente:

Os francezes gritam debalde: terra! terra! na verdade é o céo negro.

Fl. 314, v.:

Aié catou,	Toupan	remimognan	iémognan	motar	ypotar,
Erê catú,	Tupã	remi-monhang	iemonhang	motar	potar'
Tu dizes bem,	*Deus*	*o que fazer*	*fazer-se*	*querer*	*querer,*

eum mé	noroyco	chuéne	sésé.
eyma	orocóchoéne		cecé.
não	*não seremos*		*contra.*

Traducção corrente:

Tu dizes bem, Deus fez isso acontecer por seu muito querer, não seremos nós contra.

Nota — Na traducção franceza está o futuro *ferons* onde achámos *seremos*.

Fl. 317, v.:

Eycobé,	cheramoin,	goé, goé, goé.
Ereicobé,	che-r-amôi,	gué, gué, gué.
Sê tu bem,	*meu avô*	*oh! oh! oh!*

Nota — Essas palavras que vêm bisadas no texto, são dirigidas á Lua, a modo de saudação.

Fl. 327, v.:

Bourouuichaue	de akan omano?
Morubichába	nde acanga omanô?
Chefe (general)	*tua cabeça morre?*

Nota — A traducção franceza diz: *Avez vous mal à la teste?* A phrase tupi não corresponde realmente ao sentido, e é mal formulada. « Doêr a cabeça » é *acanga-acy*, que deveria estar por *acanga-omanô*.

Fl. 341:

Euhouyh	iaré,	bé	angatouran eté		erimahé apouyäuue	Bourouuichaue	
Yby	iára,	pé	angaturama-eté		erimbaé apyába	Morubichába.	
Terra	*senhor,*	*vós*	*verdadeiramente*	*bom*	*quando homens*	*Chefes*	

Kerembaue	mondoñe	chérètan	apoupé		Pay oré	sepiac	yänondé
Carimbába	mondó	che-retama	pupé		Pay oré	cepiác	yanondé
guerreiros	*mandar*	*minha patria*	*a*		*Padres nos*	*ver*	*antes*

oré moé	potar	Toupan	gnéen ary,	oré poesurum	apouämemouã	
oré mboé	potár	Tupã	nheénga ari,	oré pycyron	apyá-memuá	
nos ensinar	*querer*	*Deus*	*palavras de,*	*nos defender*	*homens máos*	

souy. Oré oroycõ pererecoar etéramo: Couseignéum oroyco
çui. Oré oroicõ porerecuab etê-amô: Coecenhéim oroicô
contra. Nós estamos protegidos realmente agora. *Nós eramos*

Ieropary	raheire amo	oroioou	racaé.	Chépoutoupaue
Jurupary	rayra amô	orojú	racaé.	Che putubábo
Diabo	*filhos lá longe*	*vindo nós*	*antes.*	*Eu sentido*

nerebouiroussou	ressé	nerepiac	apouyäue opap	catou
ndere-yby-uçú	recé	ndereplâca	apyába opáb	catú
tua grande terra	*á*	*tua vista*	*homens*	*todos bons*

nereminboée	secoremé	Euhouyh touroussou	vaé	neiare
uderemimboê	cecóreme	Yby turuçú	baé	nde-iáre
teus discipulos	*fossemos*	*terra grande*	*melhor*	*tu senhor*

secoremé. Aié mommoria oussou derouaké ouytou
cecóreme. Aê mboboyá uçú nderobaqué uitú
quando estiver. Elles fazer vassalos muito tua presença vindo eu

nerépiac pota Toupan raheire coap peiaugné couseignéum
nderepiác potár Tupã rayra coáub peyabê coecenhéim
te ver desejar Deus filho conhecer como vós agora

Ieropary raheire oroyco. Dé angatouran eté erimahé
Jurupary rayra oroicó. Nde angaturama etê erimbaé
Diabo filhos somos. Tu verdadeiramente bom quando

apouyäue mondoüe cherétan à poupé Pay Toupan raheire
apyába mondó che-retama pupé Pay-Tupã rayra
homens mandar minha patria á Deus filhos

eté oré sepiac yänondé: augé catou erimahé ycho
etê oré cepiác yanondé: aujé catú erimbaé icó
verdadeiro nos ver antes: bastante bom quando isto

orétan apoupé nosoy teigné euäpo. Iecoäpaue
oréretama pupé ndoçoi tenhé ebapó. Jecuábábo
nossa patria á não o foi debalde lá. Reconhecendo-o

amo oréouuichaue oré boure-ocar perétan à poupé
amô orérubichába oré mboúr-ucar perétama pupé
alguns nossos chefes nos fazer vir vossa patria á

de ressé ierourai deremimboy ary toroycon. Oroierourai
nde recé jurújái nderemimboé ari oroicó. Orojurújái
te para admirar teus discipulos por isso somos. Nós admiramos

vé de ressé toieméhen apouyaue angatouran
bê nde recé toimeéng apyába angaturama
tambem vi em para que dêem (dando) homens bons

oréretan por ary Pay temoésaue Toupan ressé iecatou
oréretama-póra ari Pay temoéçaba Tupã rece ecatú
nossa patria habitar em Padres doutrina Deus por bem

vaé oré moésar ahé toyco, Kerembaue aué oré
baé oré mboéçara oé toicó, Carimbába aé oré
melhor nossos mestres que o sejam, Guerreiros que nos

poésuron iran toyco, opaccatou ché eubouypóre
pycyrón irã toicó, opacatú che yby-póra
defender d'ora avante o sejam, todos meus terra habitantes

dereminboy amo secon, apoyäue Caraybé atouasäue coroyco.
nderemimboé amô cecóu, apyába Carayba atoaçaba oroicó.
teus discipulos agora são, homens brancos compadres nós somos.

Traducção corrente :

Senhor da terra, vós fostes verdadeiramente bom quando mandastes generaes e soldados á minha patria, justamante com os Padres, para nos ver antes de nos ensinar a palavra de Deus e nos defender contra os homens máus. Nós estamos protegidos realmente agora. Nós eramos filhos do Diabo lá longe antes de virmos. Eu lamento em tua grande terra e á tua vista não sermos todos bons discipulos. Terra grande e melhor quando tu lá fores. Elles se fazem vassallos muito em tua presença. Vindo eu te ver desejo os filhos de Deus conhecer como vós, agora filhos do Diabo somos. Tu foste verdadeiramente bom quando mandaste os homens á minha patria, filhos de Deus verdadeiro nos ver antes: bastante bom para nossa patria porque isso não foi baldado lá. Reconhecendo-o alguns dos nossos principaes nos fizeram vir á vossa patria para te admirar, teus discipulos por isso somos. Nós admiramos tambem em ti os homens bons que nos déste para habitar em nossa patria, os Padres que pela doutrina de Deus bem melhor que nossos mestres sejam, os guerreiros que nos defendam d'ora avante. Todos os meus patricios teus discipulos são, dos Francezes compadres nós somos.

Nota — Este é o principal dos discursos contidos no livro d'Abbeville. Foi recitado no palacio de Louvre, pelo indio Itapucê, perante Luiz XIII e a rainha regente Maria de Médicis

O texto tupi não corresponde á traducção franceza que o acompanha. Esta dir-se-ia materia absolutamente nova, se em um ou outro ponto não houvesse approximação de idéas. Aquelle contém evidentes falhas: certas phrases apparecem battologicamente, a pontuação é claudicante, tornando obscuro o sentido. O vocabulo *neremimboée*, como occorre uma vez, ou *dereimmboy*, como vem de outra, que traduzimos como «teus discipulos», de accordo com os radicaes tupis, mais conforme ao sentido seria «teus subditos» ou «vassallos» ou «amigos», como está na versão franceza. Nós é que, neste ponto, não nos julgamos com o direito de nos afastar do texto, que restauravamos e traduziamos.

Fl. 351 :

Cherékchure, ereierouray yässouc ary, n'assendoup
Chere-kevira, erejurújái jaçúc ari, e-nheandúb
Meu irmão, tu me falas baptisar-te em, não consideras tu

catouy aypo yässouc ary depoiapore amo sereco
catuí aypó jaçúc ari nde-mopora amõ ereicó
sufficientemente esse baptisar-se sôbre tu obedecer agora estás

eum, deierou peignote moan erereco. Namaé miry
eyma, nde jurú nhóte moanga erereco. Nã mbaé mirim
não, tua bocca somente pensando tu estás. Mas cousa pouca

reuhan Toupan raheire auaiemognan. Ecoap conseignéum
ruã Tupã rayra abá-monhang. Ecuáb coecenhéim
não Deus filho homem se fazer. Pensa tu primeiramente

ressé deparapiti agouëre. Erécoap raco apouyäue
recê nde-porapiti guéra. Erecuáb racó apyába
em teu matar gente passado. Tu sabes realmente homens

éta iouca sagoire; ereporou été recaé
etá jucá agui; ereporú etê racaé
muitos matar por causa disso; tu devoraste muitos outr'óra

oreanan ary; couseignéum deangaypane amo ereyco.
oré-anama arí; coecenhéim nde-angaypába amõ ereicó.
nossos parentes de; antigamente teus crimes outro tu eras.

Nerecoäy pé cohu teon de ressé seco? Erecocatou
Nherecuay-pe coy teón nde recé ecó? Er-ecocatu
Não sabes tu perto morte ti por está? Tu tens bem

demaé asseuch cohu, aycoäp catou Toupan cohu derereco catou.
nde-mbaé acyc coy, aicuáb catú Tupã coy nde-erecó catú.
tua cousa má hoje, eu sei bem Deus hoje tu seres bom.

Traducção corrente:

Meu irmão, tu falas em te baptisares, não consideras sufficientemente sôbre esse baptisar-se, obedecendo não estás agora, por

tua bocca somente pensando estás. Mas cousa pouca não é o homem fazer-se filho de Deus. Pensa tu primeiramente em teus passados morticinios. Tu sabes realmente que muita gente mataste; devoraste outr'ora muitos dos nossos parentes; por teus crimes tu eras outro antigamente. Não sabes que perto de ti está a morte? Tu tens bem tua cousa má hoje, eu sei bem hoje que tu és bom para Deus.

Nota — Nesta objurgatoria, ainda de Itapucú, a traducção franceza não está conforme com o original tupi. Este é um dos textos que menos difficuldades apresenta ao traductor.

Fl. 351, v. :

Conseignéum chéparapiti agouëre oar chérésapé
Coecenhéim che-porapiti guéra oár che-r-eçá-pe
Agora meu matar gente passado cáe meus olhos diante

cohu aué ramehen tapity areco, sesé aymohuron
coy abé ranhê tapiti arecó, cecé aymonhyrõ
hoje e entretanto matanças eu tenho, por isso eu me zango.

Agné teon chèrèssé yäry aypotar. Noypotarpé Toupan
Aé teón che-recé ari aipotár. Noipotár-pe Tupã
Que morte me por causa de eu quero. Elle não quer Deus

chèrèon eum cherétan ouychoue mèué, ahéménéché
che-reón eyma cheretama guichôbo eymebé, aememé-che
minha morte sem minha patria indo eu antes, elles a mim

éuapo ouychoue chéanan mongetaue maéporan agouëre
ébapó guichôbo che-anama monguetabo moaé porang guéra
lá indo eu meus parentes fazendo cousa bella passada

sepiac royré eymonbeouäue apouyäue apé taue roupy mo.
epiác royré nhembocaba apyába abé taba rupi
ver depois aprendidas homens tambem aldeia em.

Toupan ypotareum naypotar: ahé chèrèon motarmé
Tupã ypotáreyma naipotár: aé che-reón motár-me
Deus não querendo não eu quero: elle minha morte se quizer

aypotar catou, ouähure chèrècorèmé yässouch rare royré.
aipótar catú, guyiú cherecoreme jaçúc-ara royré.
eu quero bem, vindo me quando vier baptismo depois.

Traducção corrente:

Agora meus passados morticinios cáem diante de meus olhos: entretanto eu tenho praticado matanças e por isso zango-me. Que a morte por minha causa eu quero. Deus não quer minha morte sem que eu volte á minha patria, elles commigo lá indo eu e fazendo meus parentes verem as bellas cousas passadas finalmente, ensinando tambem aos homens na aldeia. Deus não quer, eu não quero: se elle quizer minha morte, eu quero muito depois vindo quando vier o baptismo.

Nota — O que dissemos em nota anterior se applica a este tropo. Ha, por demais, repetições que difficultam a traducção. No passo onde está «elles commigo lá indo» ha obscuridade de sentido, porque não se sabe o sujeito da oração «elles» a quem se refere. Entretanto, é conforme está no texto tupi.

Fl. 353:

Maétê tecatou Toupan raheire asséréco! Aycoäp cohu
Mbaé-etê tecatú Tupã rayra arecô! Aicuáb coy
Cousa bella mesmo Deus filho ser! Eu sei hoje

Ieropary raheire chéréco royré, soupicatou seran
Jurupary rayra che-ecô royré, çupicatú erám
abo filho eu ter sido finalmente, por isso ha de ser

oüinbaue oüyramemoä booure ocar yénondé chemoär
guiábo guyrá-memuá mboúr-ucár yanondé che-mbo-ar
nascendo eu passaro máu fazer vir antes me fazer tomar

chémomemoämé oouähure moän cherécorémé.
che-mbo-mame ogaguyra moã che cecóreme.
me fazer descahir sombra abrigar onde quer que eu esteja.

Ouyässouch royré ouyratin oour chéué
Guyaçúca royré guyrá-tinga oúr chebe
Baptisando-me finalmente passaro branco elle vem para mim

Toupan	raheire	aycon né.
Tupã	rayra	aicóne.
Deus	*filho*	*eu serei.*

Traducção corrente:

Bella cousa mesmo ser filho de Deus! Eu sei hoje finalmente ter sido filho do Diabo, ha de ser por isso que antes em nascendo eu o passaro máu vem tomar-me, faz-me descair e abrigar á sombra onde quer que esteja. Baptisando-me finalmente o passaro branco vem para mim. Filho de Deus eu serei.

Nota — A traducção franceza tem «oyseaux noirs», onde achámos passaro máu, ave chocarreira; «un très-bel oyseau blanc», onde lemos simplesmente passaro branco. Ha outras enxertias, visando quiçá dar mais elegancia ás phrases, mas em detrimento da fidelidade do texto.

Fl. 357:

Crussa	chépopé	secoremé	ouyiemo	crussaue	tooure
Curuçá	che pupé	cecóreme	gui	jemocuruçabo	toúr
Cruz	*commigo*	*tiver*	*eu*	*me benzendo*	*elles venham*

Ieropary	oycoue	aermé,	nassequeie	chouène	ichouy.
Jurupary	oicou	aéreme,	naçakijê-choéne		ichui.
Diabos	*juntos*	*então,*	*eu não temerei*		*delles.*

Traducção corrente:

Emquanto eu tiver a cruz commigo, eu me benzendo, venham os Diabos juntos então, eu os não temerei.

Fl. 357, v.:

An an	Pay	goé,	ché osso	potar	Euuacpé	sepiac	Toupan
Aán aán	Pay	gué,	che oçó	potár	ybac-pe	epiác	Tupã
Não não	*Padre oh!*		*eu vou*	*querer*	*céo ao*	*ver*	*Deus*

Touue,	Toupan	Raheire,	Toupan	Sainct-Esprit.
Túba,	Tupã	[Rayra,	Tupã	Espirito-Santo.
Pae,	*Deus*	*Filho,*	*Deus*	*Espirito-Santo.*

Traducção corrente:

Não, não, oh! Padre, eu quero ir para o Céo ver Deus Pae Deus Filho, Deus Espirito-Santo.